

# **AUTOASSASSINATO**



AUTOASSASSINATO by [Ronaldo Pelli](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Usu Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil License](#).

À minha mãe

*Um homem se propõe à tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.*

*Jorge Luis Borges, em epílogo a O Fazedor*

*Há um único problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se vale ou não a pena viver a vida é responder à pergunta fundamental da filosofia.*

*Albert Camus, em O mito de Sísifo*

## Prólogo

Dentro do seu apartamento escuro e velho, ele está pronto para morrer. Age no automático, concentrado nos seus pensamentos. Segue cumprindo um plano que formulou há meses: tudo deve ser como o imaginado. Ele é o dono do seu destino.

A noite está especialmente chuvosa. Vai acrescentar outro detalhe sinistro à sua história. Mas, na verdade, isso não vale para a trama. O que importa está dentro de casa. Ele está aparentemente calmo, mas por dentro controla a sua ansiedade. Deveria terminar o que já tinha começado, seguir o roteiro que passa na cabeça.

A luz do quarto está apagada. Há velas derretendo por sobre a mesa da escrivaninha, onde papéis se acumulam aumentando a bagunça. Daqui a pouco, nada disso vai existir. Ele pega uma folha aleatoriamente. Lê o que está escrito. Apenas rabiscos, rascunhos da sua obra capital, o seu “bilhete de despedida”, que está guardado dentro do baú de metal. Ela tem que sobreviver. Ele, não.

Aproxima a folha de uma das velas. Percebe a chama amarelar, ensolarar o papel. Um furo e logo o papel é cinza e preto, e o fogo se espalha. Ele deixa a folha sobre as demais. Coloca uma segunda página e mais outra. Nada pode restar. O seu passado deve ser o seu livro, guardado no baú. Logo uma chama sobe pela parede, queima a madeira da mesa. Ele se afasta para observar o espetáculo, a fogueira, a pira. Era o momento de terminar.

Enquanto sente o calor derreter a sua pele aos poucos e a fumaça ocupar todo o seu pulmão, pega o revólver sobre o colchão fino, sujo e gasto da cama. Escuta, ou imagina, uma sinfonia. São as labaredas estalando como chicotes, a chuva que mantém o compasso e os relâmpagos que explodem como pratos. Fecha os olhos e sente uma tonteira típica da intoxicação. Sabia que se demorasse, iria desmaiar. Respira mais uma vez, a última vez. Enche o peito, o máximo que consegue para ter coragem. Rapidamente, em seguida, puxa o cão da arma e atira no meio da testa.

Em poucos minutos, paredes, camas, cortinas, lençóis, armários, janela, tudo é comido pelo fogo. O corpo dele some em meio às chamas.

## UM

Da rua ainda era possível ver uma fraca fumaça preta saindo da janela. “Isso é mau agouro”, pensa Xavier. Ele chega com o seu carro particular e estaciona dentro do cordão de isolamento dos bombeiros. Está cansado, sente o corpo pesado. É difícil se movimentar. Suas mãos não desgrudam do volante, como se quisessem passar o dia ali. Pisca lentamente. O sol amarelo, forte e quente da manhã de verão incomoda. “Que horas são agora?” A cabeça lateja, seus olhos mal conseguem se abrir. A boca está amarga, a garganta, arranhada. Mete um chiclete na boca e levanta o rosto, protegendo com a mão a vista da claridade. Vê a tal janela. Suspira. Sai do carro se arrastando.

Cumprimenta os bombeiros. Pergunta, cumprindo sua burocracia, se o local está liberado, eles confirmam com a cabeça sem prestar atenção nele. Ele olha para cima, mais uma vez. A parede do lado de fora do prédio está preta, queimada. Ao redor do edifício, uma pequena multidão de curiosos, gente da imprensa, moradores vestidos apenas com pijamas. Imagina que, na volta, vai poder conversar com os jornalistas. Sente uma leve empolgação. Pelo menos ia aparecer na televisão.

Leva o seu corpo atarracado vagarosamente em direção à portaria. Sente os pés amaciarem o chão que ferve, como se deixasse pegadas. A quentura sobe pelas pernas. Ele percebe as primeiras gotas do suor escorrer pelas costas, se acumular sobre a barriga redonda, manchando a camisa ordinária de botões. Antes de tocar na grade do prédio, suspira mais uma vez.

Não sabe absolutamente nada do que aconteceu. Apenas que o morto é importante o suficiente para ter um cordão de isolamento e para ligarem para a sua casa no meio da madrugada. Quando o telefone tocou, deu um salto. Seu corpo quicou na cama com o susto, e o coração disparou. Pensou: “tô ferrado”, pensou: “será que deu merda?”, pensou: “alguém morreu”. Tudo ao mesmo tempo.

Logo naquele dia. Tinha ido dormir bêbado. Ele e a mulher não passam por uma boa fase. Conseguir se levantar com dificuldade e se arrastou até o banheiro. Apoiou-se em todas as paredes, foi tateando até encontrar a porta, com a cabeça baixa, os olhos semicerrados, com dificuldade de respirar. Ouviu a mulher, de longe, resmungar. Finalmente e com uma força desproporcional abriu as pestanas. No espelho, os olhos vermelhos de cansaço. “Tô ferrado”, repetiu mentalmente.

Na rua, sob o sol já forte das seis e pouco da manhã, colocou pé ante pé tentando seguir em frente. “Não aguento mais. É sempre assim. Por que escolhi mesmo essa profissão?” Sempre se fazia essa pergunta, sabendo que tinha a resposta.

- É o Xavier – diz ao interfone à espera do portão abrir e suspira pela terceira vez naquele dia.

## DOIS

No que sobrou do quarto da vítima, não havia nada que ainda não tivesse visto. Um corpo carbonizado, no meio de um quarto completamente destruído. As gorduras derreteram e criaram um estranho boneco de plástico. Não há cabelos, e todos os órgãos se transformaram numa massa enegrecida e disforme. É repugnante. Com a mão na boca e no nariz, para evitar respirar aquele ar, se abaixa próximo à cabeça da vítima. Pode ver os restos dos ossos, pretos. Faltavam quase todos os dentes. A mandíbula está desprendida. O crânio parece ter um buraco na parte que um dia havia sido uma testa. “O que pode ter feito isso?”, se perguntou imaginando uma resposta razoável.

- Como começou o fogo? – pergunta para Volumoso, um dos únicos investigadores em quem confia.

- O pessoal aí da perícia acha que foi uma vela. E a namorada diz que a lâmpada não funcionava direito, tinha “malcon”.

- “Malcon”?

- Mal contato.

Se tivesse força, Xavier até esboçaria um sorriso. Mas estava de mau-humor e achou a piada horrível e boba.

- Você viu que o lugar tá rodeado de urubu?

- Arrã.

- Quem é o fulano aí?

- Xavier, esse é Otávio Oliveira de Carvalho, Otávio, esse é o detetive Carlos Xavier.

- Oh, Volumoso, fala logo, porra! Quem é esse tal de Otávio Oliveira do Caralho?

- Calma, Xavier, calma. Otávio Oliveira de Carvalho era filho de uma socialite decadente. De uma família conhecida. Não eram ricos, mas tinham *status*. Sabe esses caras que nunca atravessaram o túnel? Então. Eles são conhecidos pela galera grã-fina, aparecem nas colunas sociais dos jornais, têm contatos com gente importante, essas coisas. O pai já morreu há tempos, filho único. A avó, mãe do pai, é quem tem o dinheiro...

- A matriarca...

- Quê?

- Esquece. Continua.

- Tá. A mãe, Maria Teresa, o sustentava, provavelmente com o dinheiro da velha. O Otávio aí não trabalhava. Mas pelo que eu averigui, eles estavam quase quebrados, vivendo da fama. Acho que foi suicídio, se você quiser a minha opinião. Perderam tudo, ele não quis mais viver.

- Sei. Mas se matar logo se queimando... Não é muito inteligente...

- Encontramos isso aqui. – Volumoso mostra um revólver 38 destruído - Um tiro na testa.

- Um tiro na testa? Ninguém se mata com um tiro na testa...

- Pois, parece que o Otávio aí inovou.

- Sei... Encontraram, ao menos, algum tipo de carta-testamento, algo escrito “sobreviveu” ao fogo?

- Bem... Olha o que achamos.

Volumoso levanta a tampa de um baú, feito de um metal que resistira quase intacto ao fogo. Ao olharem lá para dentro, encontraram um caderno. “Suicídio, uma biografia”, o título. Xavier pega sem reparar na capa e abre em uma página aleatoriamente: *O motivo maior é tão absurdo que o próprio ato de explicar é irracional. Irracional porque crente. Não há explicação, não tem como, não dá, não é possível.* O detetive acha curioso encontrar logo esse trecho. Sem querer, esboça um sorriso de confiança e se sente agradecido pela sorte. Instintivamente absorve as palavras como se fosse uma espécie de mensagem. “O motivo maior é tão absurdo que o próprio ato de explicar é irracional. Irracional porque crente.” Associa as linhas com um versículo que ele jura ser da Bíblia, mas não tem certeza. “Não há explicação, não tem como, não dá, não é possível.”

- E onde estão os familiares?

- Na delega.

## TRÊS

No elevador, enquanto desce os andares, Xavier já se sente melhor. Está empolgado. Percebe o potencial do caso. Sabe o quanto ele poderia aparecer. “Vou ser procurado por todos os jornalistas e, principalmente, todas as repórteres. Vou ficar famoso. Meu rosto vai ser reconhecido. As pessoas vão me parar nas ruas. Se duvidar, até vou dar autógrafos. Vou poder me candidatar. Vou ser vereador. Vou largar esse trabalho, que não me paga porra nenhuma. Tomo tiro todo dia... Para quê? Não sei, ninguém sabe, ninguém se importa. Posso morrer a qualquer hora, mas ninguém valoriza isso, ninguém vê isso. Ninguém sabe há quantos anos estou na polícia. Dezesete, dezesete anos. Uma vida. Já vi gente mais nova que isso com fuzil na mão. Já troquei tiro com bandido assim. Esses caras não têm medo de morrer. Atiram que nem malucos. Pensam que se morrer matando, melhor. Eu sou o alvo. E ninguém valoriza isso. O meu salário é uma vergonha. Se não tivesse meus esquemas, como iria me sustentar? Como? Ninguém sabe explicar, ninguém se importa. To sozinho, não posso contar com ninguém. Nem com a Flor. Nem com a Flor. Porra. Ela só sabe encher, só quer aporrinhar, só reclama. Ninguém liga para mim. Mas agora, agora não. Agora, com esse caso, esse moleque, Otávio de não-sei-o-quê do caralho, agora sim. Agora vai. Agora as pessoas vão saber quem é Carlos Xavier, o detetive Carlos Xavier, investigador, policial responsável pelo caso do moleque rico que se matou com um tiro na testa e que o apartamento pegou fogo. Ou que morreu, sei lá. Agora, todo mundo vai valorizar o meu trabalho. Os caras lá da DP vão comer na minha mão. A Flor vai me ver na televisão e vai parar de reclamar. Tenho certeza. Agora, ela vai dizer que eu sou importante, que estou no caso de um figurão. Agora, todo mundo vai ver.”

Quando Xavier sai do prédio, o bando de jornalistas começa a correr se acotovelando para pegar o melhor lugar próximo a ele. Fazem isso com todas as pessoas que saem do prédio, à procura de informação sobre quem havia morrido. Xavier para diante do bando e pigarreia:

- Fala alto – ordena um jornalista de atrás do grupo.
- O de vermelho, dá para abaixar um pouco? – pede um cinegrafista.
- Tão gravando?

## QUATRO

A delegacia está lotada. Do lado de fora, jornalistas. Dentro, gente em todas as cadeiras, conversas paralelas, barulho, confusão. Xavier anda em direção à sua cadeira. Em um banco no canto, está um grupo que nitidamente não está acostumado com o ambiente. O detetive adivinha na hora que eles são os parentes de Otávio. Deixa uns papéis na sua mesa e vai em direção a eles. Repara em uma menina frágil, pequena, quase transparente. Cabelos lisos, escorridos, de uma cor indefinida, cabelos sem vida. Rosto inchado, olhar vago.

- Quem é aquela? – Xavier cochicha para Volumoso.

- Pelo que descobri, é Ana Clara, a namorada do Otávio.

- Hum...

- Do lado dela, com o vestido azul-marinho, a mãe do Otávio, Maria Teresa.

Xavier repara como Maria Teresa é expansiva. Trata o celular, sobre o colo, como se fosse um poodle. Os brincos enormes e o colar à mostra destoam. É uma mulher já nos seus 40 e muitos, ou até 50 e poucos, o pescoço já com papadas, não tem mais como esconder a idade. Parece inquieta.

Em pé, alguns homens olhando para fora, outros cochichando, um sujeito de terno bem alinhado, cabelo penteado. Todos pareciam distraídos. Apenas Ana Clara e Maria Teresa pareciam se importar, às suas maneiras. Uma queria sumir, a outra, aparecer. Uma era quieta, a outra, exagerada.

- Olá – o detetive passa pela mãe de Otávio e, ao lado, fala com a namorada.

Ana Clara parece ter saído de um transe, pisca os olhos uma, duas vezes, até perceber o mundo à sua volta, até retornar à realidade.

- Oi... – a menina gagueja e abaixa a cabeça, para evitar os olhos de Xavier.

- Ana Clara?

- Sim...

- Eu sou o detetive Carlos Xavier. Estou aqui para investigar o caso do seu namorado, o senhor Otávio. Tenho só que fazer algumas perguntas preliminares. Nada grave, apenas para começar a investigar o caso. Eu sei que é provavelmente o pior momento da sua vida, mas se você puder me responder, me ajudaria bastante. Nada de estresse, sem complicações, totalmente informal. Você se importaria?

- Você não vai ouvir o que eu tenho a dizer, não? - Maria Teresa nesse momento se intromete.

Mascando o seu chiclete, o detetive responde entre dentes:

- Vou sim senhora, mas começarei pela Clara aqui. A senhora se importa?

Um pouco contrariada e sem ter como contra-argumentar, Maria Teresa autoriza, sem pronunciar uma única palavra.

- É melhor irmos para uma sala mais reservada.

## CINCO

A única sala de depoimentos da delegacia já teve luzes que cegavam e oprimiam. Agora, é a vez de a escuridão cegar e oprimir. A maioria das lâmpadas está queimada e a penumbra é assustadora. O abandono pode ser visto em qualquer canto. As infiltrações formam camadas verdes nas paredes. A luz fica pendurada por um fio velho que balança com o movimento das pessoas, como se fosse a lâmina de uma guilhotina pronta a decapitar uma cabeça mais desatenta. Cadeiras quebradas, mesas sem tampo, papéis espalhados por todos os lados. A sala demonstra o estado de decadência da polícia, que vive apenas como uma sombra do que deveria ser e nunca foi.

A menina caminha vagarosamente até a janelinha da sala. Esconde o rosto com as duas mãos e chora baixinho. O detetive, sentado à mesa, fica em silêncio. Espera que ela se acalme para tentar começar uma conversa. Sabia que deveria ser sensível. Deveria entender as diferentes ações para poder reagir. Mas sempre sentia pena dos familiares. A família sempre é a verdadeira vítima. Achava complicado ter que fazer perguntas sobre a morte de alguém tão próximo. Sem conseguir se conter, tenta dizer algo para consolar a menina.

- Esse é o pior momento, eu acho.

Fungando, ela acende um cigarro, num ato rápido, nervoso, e destrambelha a falar com a voz chorosa e trêmula:

- Por quê? Por que agora, por que depois de tudo o que a gente passou junto? Por que depois de tudo? Por quê? Aquela fase, aquela fase horrível já tinha passado... Por quê? Otávio ficou péssimo quando o pai morreu.

O detetive pegou a caderneta e começou a fazer as anotações enquanto ela falava.

*Fase horrível tinha passado.*

- Que fase horrível?

- Ele morava com ela, com a mãe, e teve que se virar.

- Isso quando?

- Há muitos anos.

- Vocês já estavam juntos?

- Não, eu ainda não estava com ele, mas ele me contou. Não gostava de tocar no assunto, mas, depois que eu insisti muito, falou tudo. Ele ficou perdido, sem rumo com a morte do pai. Estavam sem se falar por uma bobeira que ninguém se lembrava direito. Era algo relacionado com a independência dele. Ele queria ser mais livre e o pai, como qualquer pai, queria tomar conta dele, e não aceitava que ele tivesse se transformado num homem, que tivesse uma vida a tocar, sem ela. Uma bobeira. Ninguém está certo e, ninguém quer

admitir que o outro está certo e vão brigando por bobeira e, às vezes, o destino te prega uma peça.

- Sei.

- E para piorar a mãe não tentou ajudar. Não tinham uma relação boa. Viviam brigando. É por isso que ele se culpava muito, sabe? Achava que era o responsável pela morte do pai. Foi uma barra. Pelo menos ele diz que foi horrível. Ele *dizia*, ai meu deus... – a voz fica embargada.

*Problemas com o pai. Culpa. Depressão.* “Ser investigador é ser psicólogo”, se orgulha e não consegue deixar de pensar: “Saber montar quebra-cabeças emocionais. Entender o que acontece apenas a partir de gestos, interpretar declarações, enxergar o subterrâneo.”

- Com o tempo, ele viu que não tinha motivos para se sentir assim, sabe? Ou, pelo menos, eu já tinha a certeza de que ele pensava assim. De que não foi a atitude dele que matou o pai, sabe? Foi como se ele tivesse aprendido com a situação, sabe?

- Sim, sim...

- Decidiu nunca mais deixar os problemas crescerem. Ele repetia: “arestas soltas, nunca mais”, como se estivesse brincando com o fato. Nós ríamos, sabe? – a voz fica embargada – Nós ríamos... Ele pôde seguir. Sentiu saudade, como todo mundo, mas entendeu.

*Arestas soltas...?*

- E nesse período, ele escrevia?

Nitidamente empolgada – Meu Deus, como escrevia... Passava dias e noites naquela escrivania, aquela que queimou toda... Meu Deus, para quê? – a voz fica embargada novamente. – Não parava de escrever. Parece que ele gastou, parece que ele espremeu a alma até sair toda a amargura, toda a dor e a culpa que ele carregava nos ombros com relação à mãe.

*Escrita compulsiva...*

- É assim que eu entendi. Como se as palavras, as letras, o tivessem curado... Por que agora, meu deus? Recentemente, ele até tinha me falado em procurar um emprego, sabe? Ele fez faculdade... De letras... Português-inglês...

~~Escrita~~ => *Cura pela escrita. Faculdade de letras...*

- Queria trabalhar com traduções... Gostava disso...

*Traduções.*

- Otávio era inteligente... Conhecia gente da área, ia pedir uma chance... E agora, isso... Eu não entendo. Juro que não entendo. Ele tava bem, tava bem mesmo. A gente tava passando um momento ótimo, não faz muito sentido... Ele sempre repetia que não gostava da vida, que era um infeliz, que nada fazia sentido, se levava muito a sério, era bastante profundo, sisudo mesmo, vivia sozinho, só eu o visitava, mas, mas nunca pensei que fosse sério isso. Nunca.

*Inteligente. Sozinho. Se levava a sério. Profundo. Sisudo (?).*

Xavier observa aquela menina tão sincera e delicada falar sobre o namorado e fica com um pouco de inveja. Deixa-a tomar um fôlego e, em seguida, tenta ser o mais delicado possível:

- Então você acha que ele se matou?

Clara não responde. Olha para a parede perdida dentro dos seus pensamentos.

## SEIS

- Meu filho gostava de ler - Maria Teresa fala com trejeitos exagerados.

Xavier está com a cabeça longe. Está impressionado com aquela menina transparente de queixo baixo. Sente outra pontada de inveja do casal. Queria alguém que se preocupasse com ele daquele jeito. Nunca tinha tido algo assim.

- Otávio era visto como um estranho pela família. Vivia isolado, sem ninguém. Principalmente depois que o pai morreu. Mas ele tinha bom coração, era do bem. – diz enquanto mexe a perna sem parar.

“Quantos anos têm essa Ana Clara? Vinte e cinco? Podia ser minha filha.”

- Mas eu não fiquei surpresa com a morte dele. Não mesmo. Era meu filho, eu sabia como ele era. Infelizmente, era isso que a gente esperava.

Xavier levanta a sobrancelha.

- Não adiantava, ele não deixava ninguém chegar perto.

Ela estava nervosa, mas conformada. Era como se Teresa já estivesse esperando pela tragédia.

*Esperando a morte do filho.*

- Não entendo como alguém pode se matar, cometer tão grave pecado.

Por um momento, Xavier achou que ela estivesse falando de outra pessoa, não do próprio filho.

- Então você acha que ele se matou?

- Mas qual seria a outra explicação?

Xavier ficou pensando que o caso estaria encerrado se ele decretasse o suicídio. Não podia deixar que a sua fama acabasse tão rapidamente, em menos de um dia. Se fosse suicídio, estava perdido. Chegou à conclusão de que era melhor liberá-la o mais rápido possível. Assim, teria a desculpa para continuar a investigação e chamá-la mais uma vez.

- Dona Teresa, acho melhor a gente parar por aqui e continuar outro dia.

- Vou ter que vir aqui outra vez?

- Receio que sim.

- Humpf. Como se não tivesse mais o que fazer...

- Desculpe, dona Teresa, mas são os procedimentos...

A mulher se levanta, sem falar nada, e sai da sala caminhando duramente. Antes de Xavier ficar de pé, Volumoso entra com um caderno na mão. Era o mesmo que eles tinham encontrado no quarto de Otávio. Xavier repara novamente no título: “SUICÍDIO, uma autobiografia” e no autor: Otávio de Carvalho.

## SETE

O detetive entra na padaria em frente e pede o pingado com pão na chapa, como faz todos os dias. O calor continuava a escorrer em forma de suor pelas suas costas. “Odeio os 40 graus. Quanto mais vai se aproximando da marca, mais eu odeio”. Mordia o pão e, ato reflexo, olhava a rua calma, um marasmo. “O Rio de Janeiro seria uma cidade muito mais agradável se a temperatura não ultrapassasse os 25 graus.” Mastigava como quem masca um chiclete. Sentia-se entediado, insípido, triste. À sua volta, as mesmas pessoas de sempre, o mesmo balcão sujo e com as mesmas comidas de dias atrás. Sentia cansaço, depressão. O queixo sobe e desce lentamente, sem reparar no que os dentes abocanharam, triturando tudo sem preconceito. Um gole do café cai diretamente na goela queimando-a. “Se eu soubesse que seria assim... Todos os dias assim. Como é que eu fui me enganar? O que tem de interessante em ver gente morta todos os dias? E esse caso do grã-fino. Já vi isso acontecer, em todos os lugares, inúmeras vezes”. Em poucos minutos, paga o café e sai da padaria.

Atravessa a rua, sem vontade, no piloto automático, cabisbaixo. “Mas esse caso é bom. Eu posso conseguir ficar famoso. Mas como? Ele se matou, ponto final. Ninguém dá nada por isso. O suicida é a escória do mundo. Nenhum jornal decente se interessa por ele. E eu entro nessa. Ou melhor, não entro nessa. Sumo, desapareço. Ou melhor, continuo sumido, desaparecido.” Sobe os degraus da delegacia, agora mais vazia. “Não dá para não pensar que alguém se mata com um tiro no rosto sem imaginar como vai ficar deformado e em como a sua família vai te encontrar. Não dá para não imaginar que você deve ser importante para alguém e esse alguém vai ficar chateado com você. E, o livro? Seria uma espécie de testamento? Será que se eu me matasse também, tudo não acabaria facilmente? Não teria mais que vir aqui todos os dias, não aguentaria mais nada que não quisesse. Mas, como é que a Flor ficaria? Eu sei que a gente tá brigado, mas eu também sei que ela gosta de mim...”

- Xavier! – grita o delegado, o Roseira, um negão corpulento de bigodes fartos. Ele se aproxima da mesa e parece que cresce de tamanho à medida que fica mais perto, - Xavier, o que é que ficou decidido do caso lá do marajá? – Roseira gosta de usar palavras tipo “marajá”, “elemento” e “viatura”.

- Parece um suicídio – o detetive começa a resposta no melhor tom de voz que encontra para parecer confiável, mas é inútil – Qualquer um que viu a cena diria isso. Mas tem alguma coisa mal explicada. O fogo destruiu o quarto inteiro. Tudo. Mas repara só: não queimou um baú do sujeito onde encontramos um livro pronto, encadernado, chamado “O suicídio”. Curioso, não?

- Não.

- E tem a mãe. Ela acabou de perder o filho de uma maneira brutal e estava lá, achando que o rumo natural das coisas estava se cumprindo. Já a namorada era o oposto. Queria achar um motivo para tudo, mas não conseguia. Ela explicou que o Otávio já havia entrado em depressão com a morte do pai, mas que havia melhorado e estava numa fase boa. Eu

pretendo investigar para saber mais a fundo o que é que realmente aconteceu. Pode haver alguma coisa escondida.

Roseira, com os seus quase dois metros e as mãos na cintura, olha em silêncio para o seu detetive. São poucos segundos, mas ele se sente ainda menor.

- Xavier, temos um problema. Você não me apresentou nada de concreto. A família do moleque acredita que ele tenha se matado e quer que terminemos o caso o quanto antes. Eles conhecem o secretário de Segurança. Isso quer dizer que o moleque, ou o que restou dele, já foi para um hospital para fazer a necropsia e deve sair ainda hoje para o enterro.

O detetive sente o sangue circular nas veias. A cabeça esquenta e age impulsivamente. Percebe que está a poucos instantes de perder o caso da sua vida.

- Roseira, não é possível entregar o caso assim. Há muitas coisas mal explicadas. É tudo providencial demais...

Roseira o interrompe, com a voz grave, sério.

- Olha só, Xavier, esse caso é seu. Quero que você o acompanhe. E se por acaso, um absurdo qualquer acontecer, eu quero saber tudo antes de qualquer um. O secretário falou que vai cobrar isso do chefe de polícia, que vai cobrar diretamente de mim. E eu vou arrancar o teu couro, sem dó nem piedade, caso algo aconteça sem que eu saiba. Copiou?

## OITO

Pensou que não ia encontrar Flor quando chegasse em casa. Mas, ou porque estava atrasada ou porque fez de propósito, ela está fechando a porta no momento em que Carlos aparece. Ela está com um rosto inchado e uma mala enorme. Ele não diz nada. Apenas se encosta à parede, ao lado da escada, e observa os últimos movimentos da mulher. Ela passou por Carlos batendo os pés no chão, como se quisesse maltratar alguém. Ele só virou os olhos para acompanhá-la. Sentiu um vazio, como se tivesse tirado algo engasgado das veias. Quando ela chegou ao final do corredor, parou e gritou na sua direção:

- Não vai falar nada não?

- Flor, eu já te contei. Você é que não acredita em mim...

- Carlos, você é um escroto. Fica se fazendo de santo, de bonzinho, você é um verdadeiro de um escroto – disse aproveitando toda a palavra final.

- Flor, vamos esquecer isso tudo. Fica aqui, fica?

Ela levanta a voz, que ecoa no corredor:

- Nunca mais! Nunca mais, você me ouviu?! Eu não quero saber de você nunca mais!

Ele abaixa a cabeça, desistindo, e vai abrir a porta da casa. Flor continua gritando:

- Ei! Vai embora assim? Vai me deixar falando sozinha?! Você é um escroto, Carlos!

Ele abre a porta e fecha atrás de si. “Acabou”, pensa. Encosta a testa na porta, segurando a maçaneta. Ainda escuta alguns berros da Flor, mas a ignora. “É melhor assim.” Vai até a sala, tira os sapatos e liga a TV. Passa uma novela. Não importa. “Se é assim que ela quer. Detesto fazer isso, mas não quero ouvir a voz da Flor do lado de fora da casa.” Naquela hora, queria uma companhia, alguém que falasse sobre qualquer coisa e não lhe deixasse sozinho com o seu pensamento.

Anda até a cozinha para pegar uma cerveja. Senta no sofá com um copo e bebe devagar, sentindo o gosto amargo. Seu corpo diminuía de temperatura à medida que entornava na garganta. Percebia que estava como que afundando no sofá, relaxado. Em pouco tempo, já tinha se desconectado da televisão e estava se lembrando do dia anterior, da briga que teve com a Flor. Tinha chegado tarde em casa. Tinha passado a semana inteira trabalhando num caso chato. Eram 12, 13 horas de investigação por dia para descobrir quem havia matado um moleque de 15 anos perto de uma favela do subúrbio. O caso estava com cara de um latrocínio comum, mas isso não importava. Queria pegar o sujeito que tinha apertado o gatilho. Não acreditava que isso iria regenerar o sujeito, mas pelo menos não haveria a certeza da impunidade. E sabia que a cadeia é o pior lugar do mundo para se viver. Lotação, sujeira, bichos, mais sujeira, estupros corriqueiros, uma única privada para uma multidão. Para Xavier, era o inferno.

Depois dessa semana inteira de sobe morro, desce morro, conversa com o chefe da boca, pergunta para o dono da birosca se ele conhece sicrano, entra no labirinto de ruelas do morro, prende o beltrano, tem que arrancar a confissão dele, levar para a delegacia, perceber a cara feia do Roseira porque o preso é um garoto de menos de 18 anos que vai dar um trabalhão para mandar para um instituto de menores, Xavier foi com os amigos a um boteco perto da delegacia. Chegou tarde em casa, como todos os dias, mas fedendo a cerveja e a perfume doce. Flor não gostou. Disse que era a última vez que era enganada, que ficava ainda mais revoltada por ter acreditado nele quando ele dizia que estava trabalhando, ela agora sabia, Xavier não prestava, ela iria embora. Ela já tinha se comportado assim, mas não com essa intensidade. Normalmente Carlos ia atrás, na casa da mãe dela, mas agora, não tem mais vontade. Está cansado disso também. A história acabou. Agora, tudo o que quer é uma cerveja gelada e o sofá espaçoso para enfrentar esse verão pegajoso.

## NOVE

Já quase dormindo, tarde da noite, várias garrafas à sua frente, percebe o apresentador do noticiário falando algo ligeiramente familiar. No primeiro momento, pensou que era uma espécie de sonho. Porém, o repórter continuava encaixando as informações com muita segurança. Arregala os olhos ao ouvir “Otávio Oliveira de Carvalho”.

O jornalista dizia que ainda não se tinha certeza quanto aos motivos, mas que a polícia estava investigando. “Um suicídio sendo reportado na TV? Geralmente os jornalistas dizem que não falam sobre o assunto porque poderia incentivar. Só em casos grandes, em que o sujeito é famoso”, pensa Xavier.

Logo em seguida, se vê na televisão.

*A polícia (Xavier aparece saindo do prédio e entrando no seu carro) ainda não tem nenhuma pista sobre a morte do escritor Otávio Oliveira (imagem da janela do apartamento ainda saindo fumaça. “Escritor?”, pensa Xavier). - Meu filho não aguentou a barra, foi isso. (“Maria Teresa dando entrevista? Que horas foi isso?”) - Bárbara Lisboa, para o Jornal da Noite.*

“Mas ele era um escritor?”, pensa Xavier enquanto derrete no sofá.

## DEZ

Antes de chegar à delegacia, Xavier para na banca de jornal. Em todos, há chamadas sobre a morte de Otávio. Fica surpreso. Nota que todos os diários o chamavam de “escritor” e lembra-se do livro que achou no baú. Acha curioso e ruminava essa informação. Lembra que tanto a mãe quanto a namorada não se referiam a ele como escritor. A namorada falava sobre o quanto ele escrevia. “Isso era ser escritor?”, se pergunta.

Compra um exemplar de cada e caminha lendo. Antes de se sentar, já tinha acabado com a maioria. Alguns pareciam ter copiado as informações da reportagem apresentada no dia anterior, no telejornal. Outros conseguem depoimentos da família. Ninguém tinha falado com ele. Sente-se mal. Maria Teresa declara para um deles: *Meu filho era muito sensível. Era um poeta, um escritor notável...* Quando se senta, Volumoso grita lá do fundo:

- Xavier, uma porrada de jornalista te ligou. É melhor você nem atender ao telefone hoje.

Volta a ficar empolgado. Poderia falar com os jornalistas, iria mostrar a sua versão do caso. A versão da polícia, do investigador. Procura uma tesoura para recortar os textos e fotos. Encontra um recado. Ana Clara havia ligado.

- Belo pedaço de mau caminho, hein? – diz Volumoso, logo atrás, olhando por cima do seu ombro. Xavier olha para o bilhete e para os jornais comparando a importância de ambas as peças. Volumoso se aproxima:

- Toda branquinha, pele transparente...

- Volumoso, deixa a menina em paz!

- Tô deixando, tô deixando...

Quando se afasta, Xavier pega o telefone e discar o número. Toca duas vezes e alguém atende. Voz macia, carinhosa, meiga:

- Alô...

- Por favor. Clara?

- Quem é que quer falar com ela?

- É o detetive Carlos Xavier da delegacia de homicídios.

- Sou eu, doutor Xavier, desculpe-me a desconfiança, mas o telefone não parou de tocar. Todo mundo querendo saber detalhes da vida de Otávio.

- Entendo. Não se preocupe. E, por favor, só Xavier ou só Carlos.

- Tudo bem...

- Estou retornando a ligação.

- Xavier, erh... Eu gostaria de conversar com o senhor, mas seria melhor se fosse ao vivo...

- Posso perguntar sobre o que é?

- O senhor sabe.

Logo após desligar, relembra a voz da garota. Continuava delicada, mas estava segura demais das palavras. Não tinha a voz baixa, nem gaguejava. Era reta, direta, voz firme.

## ONZE

Clara marcou o encontro em uma travessa no centro da cidade, aos pés da estátua retorcida de Pixinguinha, ao meio-dia. Xavier chega um pouco atrasado, tentando se esconder do sol, mas é complicado vencer a multidão que também quer um espaço à sombra. O calor é inclemente. A umidade é tão alta que dá para imaginar como seria nadar no ar.

Xavier vê a menina de longe e fica sem reação. É uma figura que se destaca de toda aquela movimentação. Parece pura e cheirosa, do tipo que acabou de se banhar em flores. Pessoas correm, mulheres falam alto em conjunto, executivos contam sobre o fim de semana, e ela sentada no banco, aos pés daquela figura que se vira para tirar som de um saxofone de pedra. Sozinha, quieta, ela lê um livro com calma. Um halo de primavera, de beleza, de tranquilidade a envolve. Emanava uma luz própria, refletia o calor do sol e permanece intocada. Engraxates carregam suas caixas, *boys* com pastas lotadas, homens distribuem papéis de “compro ouro”, e ela, leve, melíflua, uma pluma que poderia ser levada pelo vento. Na hora, quando a viu, naquele lugar, daquele jeito, destoando de tudo o que a cercava, de tudo o que já tinha visto na vida, Xavier nem se lembrou que ela tinha perdido o namorado havia tão pouco tempo. Nem que sua mulher tinha acabado de lhe abandonar. Muito menos que tinha o dobro da idade dela. Para ele, Clara estava em uma outra dimensão, onde o tempo não importava.

Chega para ao lado dela e a sua sombra a encobre. Não fala nada. Queria saber como a sua presença iria afetá-la. Ela tira os olhos do livro e levanta a cabeça, mas quase cerra os olhos por causa da claridade. Xavier fala num tom amistoso, quase carinhoso:

- Você chegou cedo.

Clara fecha o livro:

- Não tenho muita coisa para fazer em casa.

Instintivamente, os dois caminham sem palavras pela travessa. Depois de poucos passos, ela pergunta:

- Onde você quer almoçar?

- Eu não tenho o costume de almoçar por aqui.

- Então vamos neste.

Ela aponta um restaurante mal iluminado, de aspecto estranho e limpeza duvidosa, com um balcão enorme e bancos que o acompanhavam do início ao fim, além de poucas e esparsas mesas ao fundo.

Xavier fica espantado novamente. Ele se acha experiente, já viveu situações estranhas, mas isso o surpreendeu: a menina não combinava em nada com aquele lugar. Era uma cena

absurda aquela garota dentro daquele restaurante. Sem reação, só lhe restou segui-la. Logo, ela se planta em uma das mesas mais discretas. Pede um PF simples e Xavier a acompanha. Ele está assustado, inseguro em suas ações. Sente-se desarmado, apesar do 38 que carrega dentro da pochete entrelaçada no corpo. Pressionado por uma mão invisível. Demora um pouco para conseguir quebrar o silêncio:

- Vou começar a chamar os amigos e os parentes para prestarem depoimentos oficiais. Já enviei as intimações e...

- Eu quero te pedir uma coisa...

Agora ela parece novamente com aquela menina frágil e delicada que ele tinha visto no dia da morte de Otávio. O detetive arregala os olhos instintivamente. “O que é que essa menina quer comigo?” Imagina que não tem como reaver o controle do diálogo.

- Eu quero te pedir um favor – ela insiste diante do silêncio de Xavier. Algo naquela menina o seduz de maneira sem igual. É como um buraco negro. É sugado para ela. Tenta se controlar, mas rapidamente cai num diálogo sem ter nenhum controle das palavras e dos silêncios.

- Queria que você tomasse um cuidado especial com a investigação. Tetê não é muito calma. Você viu o escândalo que ela arrumou de uma hora para outra. Todo mundo que o conheceu sabe que ele era bem discreto, calmo, nunca, nunca ia...

Clara soluça e os olhos ficam embaçados. Ela olha para o nada, vira o rosto de lado. Coloca as mãos na boca. Está prestes a chorar. O detetive não sabe o que fazer, outra vez. Antes que ele possa tomar qualquer atitude, ela volta a falar novamente.

- Olha, não posso te pagar muito dinheiro, mas gostaria que você acompanhasse o caso como se fosse de um familiar seu, de alguém que você gosta muito.

Ela abre a carteira, o detetive gela. Recolhe as mãos instantaneamente. As cruza entre as coxas, como uma criança que fez algo errado e está esperando alguém brigar. “É ridículo”, pensa em seguida, e logo descruza as mãos, traz ambas para cima da mesa e deixa-as paradas, sem muito motivo, sobrando naquele habitat de pratos e colheres.

- Queria que você tomasse partido, protegesse a memória de Otávio da mãe. Ela está louca.

O detetive tenta ainda argumentar entre gaguejadas que não é necessário dinheiro, que está fazendo apenas o seu trabalho, que trataria da investigação como se fosse de seu interesse pessoal, mas ela ignora as suas palavras e insiste.

- Toma.

Entrega-lhe um envelope aberto, com um maço de notas grandes. Ele continua a falar, agora olhando para as notas, que é desnecessário, não é preciso, mas segura o maço nas mãos. Repara nos detalhes das notas. “Sem dramas, sem crise de consciência numa hora

dessas.” Ao final, agradece à garota e repete em voz alta, para mostrar que tinham um acordo, que iria cuidar do caso como se fosse “pessoal”, sem saber muito bem o que isso queria dizer, apenas para mostrar uma segurança que não tinha no momento. Ela apenas dá um sorriso de satisfação.

## DOZE

Maria Teresa fuma um cigarro atrás do outro, apreensiva e ansiosa. Deseja sair dali o mais rápido possível. Tem um tique que não a deixa quieta: mexe a perna direita sem parar. Sobre o colo, balança a bolsa vermelha sangue – que combina com o vestido vinho de tecido pesado, quente. Em sua cabeça, repete “quero ir embora, quero ir embora, quero ir embora”, como se acreditasse que as frases têm o poder de se tornar realidade. Sente-se oprimida pelo ambiente e por toda aquela situação. Não sabe como agir, está acuada e tem noção disso, mas não consegue se controlar. Está perdida dentro dos seus próprios medos.

Ao seu lado, na decrepita sala de depoimentos da delegacia, está o advogado da família, Adolfo Rosenbaum. Careca, óculos quadrados de aros grossos, bigodes gris e escassos. Ele gosta de falar sobre como trataria (“com a morte”) todos os criminosos do mundo. Acredita que assim resolveria o problema da criminalidade. Um sujeito por quem Tetê não nutre simpatias, mas que vive na sua família há gerações, e que era associado, em sua cabeça, a situações escabrosas.

Após uma eternidade, na percepção de Tetê, entra, junto com a datilógrafa, um Carlos Xavier ofegante, mascando chiclete, com a camisa de botões de mangas curtas aberta até quase o meio do peito e a pele morena suada. Era a figuração viva do clichê do detetive no imaginário popular. Xavier não reparou nisso, Tetê, sim. Ela olhou para ele com um misto de aversão e curiosidade. Não aguentava tanta vulgaridade, tanta falta de estilo numa pessoa só, mas esse traço popularesco também aguçou a sua imaginação. Reparou na camisa barata, esgarçada, com as cores esmaecidas. O fino cordão com o pingente em formato de cruz. Reparou no pedaço superior do peito nu, sem pelos. Conferiu o suor escorrendo, besuntando o corpo dele, a testa, o pescoço, o tronco. Imaginou Xavier sem camisa. Era gordo, preto, pobre. Era distante de tudo aquilo que ela tinha conhecido. Era horrível, não tinha por que ficar pensando nele. Mas pensava.

- Desculpa pela demora. Estava copiando esses documentos, mas a máquina daqui quebrou. Então, tive que ir do outro lado da... Bem. Esta é Jussara. Ela vai anotar tudo o que for dito nesta sala.

Tetê se mexe na cadeira. Tenta respirar profundamente. Sai da sua imaginação com um frio nas entranhas e volta para o mundo físico. Volta a balançar a perna instintivamente.

- Chamei-a aqui por motivos óbvios – Xavier fala olhando diretamente para os olhos dela, que fica hipnotizada. – A senhora disse que Otávio Oliveira de Carvalho, seu filho, cometeu suicídio. Gostaria que a senhora me explicasse por que a senhora acha que ele teve essa atitude.

O detetive pronuncia todas as palavras com calma. Mas o ar está pesado. Sobre todas as cabeças o ventilador gira lentamente. O lugar é quente e abafado. Um calor que dá dor de cabeça, deixa o pensamento confuso e pesa nas costas. Maria Teresa mexe a perna e leva o cigarro à boca sem parar, olhando para o lado, para a única janela do ambiente, gradeada, que dá para uma série de prédios. Ela pisca uma, duas vezes, tenta melhorar o que está vendo, mas tudo é nebuloso. Seu campo de visão diminui, não enxerga nada além de um

foco único de luz, à sua frente. Levanta-se em direção à janela. É como uma esperança. O ar, o céu azul, sem nuvens.

- Tudo parece tão mais fácil lá – pensa em voz não muito alta e começa a depor, primeiro virada para a parede, olhando a pintura branca, mal feita, sobre camadas e camadas de tempo engessado. – Conheço meu filho. Eu o vi crescer. Era um menininho quando Osvaldo morreu. Eu o criei sozinha. Tenho essas intuições, sei porque sei que ele fez isso – se vira e continua, um pouco mais confiante. - Depois que Osvaldo morreu, não pude ser tão presente. Foi uma época muito confusa. Acho que não soube lidar bem com o problema. Tudo para mim era estranho. Para ele também devia ser, também era. Eu acho que ele se sentiu muito culpado por tudo. Ele ficou abandonado e se sentiu dessa forma. Eu o acompanhei sem fazer nada, foi se tornando mais e mais sozinho. Se isolou do resto do mundo. Não adiantou, depois, eu tentar alguma coisa. Não adiantou. O passo seguinte era esse. Eu tinha medo, mas eu sabia. Eu me sentia mal, e não tinha nada que eu poderia fazer. Porque eu fiz, eu fiz tudo o que eu sabia, o que eu podia. Terapeutas, psiquiatras, mas ele nunca me escutou. Ele não queria se ajudar. Ele não queria se ajudar...

- Entendo o que a senhora sente – o detetive pigarreia, não levanta a voz, tenta achar um tom reconfortante, voltar para o assunto principal. - Já vi coisas inexplicáveis acontecerem, pode acreditar, mas não posso apresentar isso para o juiz, entende? – tentando fazê-la se contradizer. - Eu preciso de evidências – tenta controlar o tom para parecer carinhoso, amigo, familiar. - Preciso de algo concreto para que o caso vá para frente. Suposições não são muito bem recebidas no tribunal.

A última frase sai sem que pudesse controlar. Ela se vira automaticamente, os olhos estão duros, as pupilas dilatadas, as pálpebras abertas, as sobrancelhas levantadas. O peito arfa e desincha com força.

- Não é uma suposição. O senhor gosta de ler? – O detetive fica impassível, empalidece, não sabe o que responder. Sente-se atingido. A pergunta taxiava entre o preconceito e o conselho. Um azedume brota em sua boca e tem vontade de cuspir, mas engole a seco. Sente um gosto estranho, venenoso. Ela continua:

- Está claro que ele era um sujeito extremamente sensível. Não aguentou a barra. Desistiu. Deu várias indicações antes. O livro dele mostra isso.

O detetive baforeja como se estivesse fumando. Sente-se cansado. Acha que não vai conseguir demovê-la da ideia do suicídio. Está fixa. Percebe que o seu caso está afundando. Tenta a última cartada.

- Entendo... Otávio... ele já teve algum impulso suicida antes?

Ela fala como se chorasse pela boca. O nervosismo cresce, fica vermelha. As palavras se atropelam. Uma atrás da outra, juntas, unidas, sem separação. Perde completamente o controle.

- Quando Osvaldo morreu, ele ficou muito pra baixo. Acho que pensou até em se matar. Mas tava tão pra baixo que não teve força. Até pra se matar cê tem que ter força. Nem pra isso ele tinha.

- Vocês tentaram ajudá-lo? – o detetive emenda, empolgado, ela bufa. Diminui a marcha, sente um peso se apoderar dos seus ombros. Algo que ela sempre soube esconder, empurrar para debaixo da garganta, aprisionar no estômago, corrói suas entranhas, mas que ninguém, do lado de fora via. Era só dela, sabia onde doía, mas podia esconder. Era dela, só dela, a culpa era só dela, ninguém poderia saber disso. Porque ela não era mulher de sofrer por qualquer coisa. Ela aguentava. Mas agora, a dor está saindo, sem que ela controle, ou perceba. Sai do estômago, sobe pelo esôfago queimando, como ácido, se espalha pelas costas, pesa os ombros.

- Como eu lhe disse, foi uma época ruim para mim. - Ela fala em voz inaudível, abaixa a cabeça. Sente-se derrotada. - Muito ruim. Eu mal conseguia tomar conta de mim, se é que eu tomava. Não podia, não conseguia, não dava. Eu quase não via Otávio. Admito que estávamos bem distantes.

- Você não se sente responsável por isso? Quero dizer, porque você era a mãe e não fez nada para evitar...

- Você não precisa responder isso – diz o advogado, sem se mexer, como se fosse uma múmia, na única intervenção em todo o diálogo. Uma figura invisível naquele ambiente apertado.

- Ele também não queria me ver -, ela o interrompe, antes que continuasse o exorcismo, antes que fosse pregada em uma cruz, antes que mais pedras caíssem em sua cabeça. Dá a cara para o soco, com coragem, mas interrompe os demais golpes. Sente-se mal, duramente mal. A cabeça pesa mais que nunca. A visão escurece. A perna, imóvel como uma pedra, é o símbolo da derrota. Mas ela não desiste. Respira uma, duas, três vezes, tenta dar a volta, modificar o assunto.

- Você não precisa responder isso – repete o advogado, tentando aparecer novamente, mas ela o ignora, e continua a conversar com o investigador. Era dolorido, mas tinha que ser assim.

- Era recíproco. Otávio sempre foi muito fechado. Não gostava de conversar muito. Agora sei que ele era um gênio. Um escritor que vai ficar para sempre na história. Vamos lembrá-lo por gerações. Você vai ver. Meu filho é o maior escritor dos últimos anos.

A perna volta a tremer. Ela expulsa a fumaça dos pulmões com força, raiva. Os olhos, de Xavier e de Tetê, mantêm-se conectados, desviando-se de tempos em tempos apenas para se recuperarem do último golpe. É uma relação sádica, que Tetê sabe bem como funciona e gosta.

## TREZE

A delegacia já está quase vazia quando Volumoso passa na mesa de Xavier o convidando para ir tomar uma cerveja. O detetive está ocupado com o relatório preliminar que acabara de chegar da perícia. Tinha informações sobre hora da morte, tipo sanguíneo, trajetória da bala, etc. Informações raras na polícia. Ele gostava dessa área “inteligente”, mas o que acontece diariamente é uma piada. Já havia até se importado com esse entrave, porém, hoje em dia, ignora todo o procedimento. “Não vale a pena se estressar”, pensa.

Enquanto olha um dos papéis, Volumoso insiste para irem ao bar. Ele repete que Xavier deve aproveitar já que agora não tinha mulher em casa, portanto não tem mais aporrinhações, nem deve dar satisfação da vida a ninguém. Volumoso não arreda pé. É o único de quem Xavier gosta. Vinte e poucos anos, gordo que nem um porco, escandaloso, exagerado, bobo, infantil. Mas do bem. Xavier olha para ele como um irmão mais novo, talvez até um filho. Sente orgulho, fica feliz com o rapaz que olha para ele, Xavier, como uma referência. Levanta-se para sair quando toca o telefone da sua mesa. Pede para Volumoso ir à frente que depois ele o encontraria no bar. Volumoso continua em pé. Xavier, então, atende ao telefone.

- Delegacia de polícia.

- É o detetive Xavier quem fala?

- Sim, quem está falando?

- É Marcelo Ribeiro, do jornal *Agora*, o senhor pode falar?

Xavier se senta e faz um sinal com a mão para que Volumoso vá embora. Volumoso obedece e sai.

- Senhor tá no céu, Marcelo. Posso falar, sim, o que você quer saber?

- Xavier, então. Estou ligando, como você pode imaginar, para saber do caso lá do Otávio.

- Hum.

- Vocês vão encerrar o caso?

- Não, as investigações continuam.

- Mas não há provas que demonstram que o caso foi um suicídio clássico?

- Há ainda muitos detalhes a serem esclarecidos.

- Como quais?

- Essas informações são confidenciais.

- O senhor não pode adiantar alguma coisa?

Xavier, perdido, sem saber o que responder, começa a mexer nos papéis à sua frente.

- É... Trajetória da bala. Estamos recebendo alguns dados da perícia que mostram a trajetória da bala. E, mais, não posso falar.

- Parece que o morto tinha uma perfuração no meio da testa, é verdade isso?

- Eh... Não posso afirmar isso.

- Mas o senhor negaria essa informação?

- Não posso negar também.

- Xavier, muito obrigado pela entrevista.

- De nada, disponha. Que jornal mesmo o senhor disse que isso vai sair?

- *Agora*. Ah, Xavier, você teria um celular para que eu pudesse falar com você sempre que pintasse uma dúvida?

- Claro. Anotáí.

## QUATORZE

Saindo da delegacia, Xavier se encontra com Volumoso que continuava na porta, à espera dele. Volumoso pergunta quem era ao telefone e, após ouvir a resposta, reclama dos jornalistas como um todo.

Durante a pequena caminhada, Xavier muda de assunto, sai do caso um pouco. Diz para Volumoso que ele deveria virar delegado. Ele, Xavier, não tinha mais idade para isso, mas Volumoso poderia ser um bom delegado. O salário é muito maior, ele conta, e você ainda tem muito mais mordomia.

- Essa história de ser investigador, detetive, é tudo policial fodido, não dá camisa para ninguém.

Quando chegam ao boteco do Ivan, todos levantam os copos ao ar. Volumoso pede mais uma e dois copos, antes de ir se sentar. Xavier vai para um lugar ao lado de dois sujeitos das antigas, Acácio e Antônio, a dupla que todos chamam de A.A. pela frequência no bar. Mas não consegue conversar com ninguém, só pensa no caso. As hipóteses aparecem em sua cabeça causando explosões e desviando sua atenção. Está muito claro para ele que o garoto se matou. Mas não quer fechar o caso. Acha que já poderia formar um esboço da personalidade de Otávio. Órfão desde cedo, criado pela mãe, supermimado, tendências depressivas. O resultado disso tudo era óbvio. Desilusão total, desemprego, falta de perspectiva. Família ausente, solidão exacerbada, ausência de amigos: era a descrição chavão do suicida. Como poderia mudar o caso?

O detetive pega um papel de dentro do envelope. Letras batidas à máquina. Sangue zero negativo. A perícia ainda não concluiu a causa do incêndio, mas trabalha com a possibilidade apresentada por Clara: uma vela. “Ponto para ela”, pensa Xavier. O buraco que a bala fez no crânio de Otávio confirma que houve um tiro, dado a uma distância entre 30 e 50 centímetros. Acha a distância incomum para um suicídio. Não foi encontrado nenhum arquivo odontológico para identificar a vítima. A dentista a que ele costumava ir disse que as fichas de Otávio sumiram inexplicavelmente. “Muito estranho.”

- Aí, Antônio, se fosse se matar, como você se mataria?

- Você está com o caso do *playboyzinho*, né? – Acácio pergunta.

- É.

- Eu meteria uma bala na cabeça – responde Antônio.

- Eu também.- concordam em quase uníssono os demais policiais presentes, que escutaram a pergunta.

- Mas como, quero dizer, onde você daria o tiro? – Xavier insiste.

- Eu daria aqui – Antônio imita uma pistola com a mão e aponta para o lado da cabeça.

- Aí é difícil de morrer – diz Acácio. – Aí tem muito osso, principalmente você que é cabeça dura. Era capaz de você ficar só surdo e sem mexer nada da cintura para baixo. Ou seja, não ia mudar muita coisa de hoje em dia.

Todos os policiais riem.

- Eu daria um tiro no meio da testa – fala Volumoso, do outro lado da mesa.

- Ninguém dá um tiro no meio da testa – retruca Acácio.

- Sei lá, foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

- Você viu que vão lançar um livro dele? – fala Acácio para Xavier – Saiu no jornal.

Xavier arregala os olhos assustado. “Como assim?”, pensa. Ele não tinha nenhuma informação sobre esse lançamento. Sente-se enganado. Ninguém tinha falado nada e ele também não tinha intuído. Acha melhor não falar nada em voz alta, o que só demonstraria como está perdido no caso. Engole em seco e pede, como se soubesse de toda a história, o jornal.

- Peraí -, Acácio responde e se vira para Antônio: - Você tem o jornal de hoje?

- Pra quê?

- Deixa de ser muquirana, é o Xavier quem tá querendo emprestado.

- Se cê dissesse que era pro Xavier, já tinha dado. Toma aí, camarada -, e sorri direto para o detetive, enquanto ele tentava controlar a ansiedade.

Xavier olha a chamada de capa do *Diário Popular*. “Como eu dei esse mole? Como eu dei esse mole?” Abre na página certa. Há uma foto de um sujeito com feições quase indefinidas. A foto está com péssima qualidade. Percebe-se que o sujeito tinha os cabelos curtos e escuros e a pele branca. Não muito mais que isso. Diz a legenda: “Otávio”. Abraçado a ele, sua mãe, Maria Teresa. É a primeira foto que Xavier vê. Parece um menino na imagem. No máximo, 18 anos. Sorria a contragosto, provavelmente para agradar a família. A matéria, toda a ideia da publicação vinha dela. “Seria um motivo para ela fazer essa polêmica? Seria por isso que ela insiste que o filho se matou?”

Volumoso grita lá do outro lado da mesa:

- Porra, Xavier, para de se preocupar com esse *playboy*. Aposto que ele não faria isso por você. – Vamos beber!

## QUINZE

O prédio onde tudo aconteceu é imenso. Milhares de apartamentos colados uns nos outros, que tornam as pessoas completas estranhas umas para as outras. Na noite da morte de Otávio, era a folga do porteiro oficial. Quem cobriu o turno foi o faxineiro do condomínio. Seu nome era Adamastor de Souza, nordestino como o titular do cargo. Ele afirma que não escutara nada diferente, até quando alguém gritou pelo fogo.

Conseguira o emprego porque um conterrâneo seu tinha vindo antes e já vivia na cidade há anos. Trabalhou como garçom antes em quatro diferentes restaurantes, mas não se adaptou ao tratamento que recebia dos fregueses. Normalmente o ignoravam ou o tratavam muito mal. Sentia-se humilhado. Por isso tentou ser faxineiro. Provavelmente seria também ignorado, mas raramente teria que lidar diretamente com alguém. Pelo menos acreditava nisso quando procurou o amigo para pedir que o indicasse para a vaga.

Durante o dia em que aconteceu o incêndio, trabalhara normalmente limpando os corredores e todas as áreas comuns. À noite, encarou o turno de oito horas. Ele não disse explicitamente, mas o detetive percebeu que havia dormido. Não é crime dormir no trabalho e mesmo que ele tivesse acordado, pouco ou nada poderia ter feito, mas se durante o seu turno acontece uma catástrofe, você não vai querer admitir esse detalhe. O detetive não o pressionou. Sabia que seria desnecessário. Adamastor contou que saiu do prédio e, quando olhou para a janela, já havia uma cortina de fumaça escura muito espessa. Ligou para o síndico que entrou em contato com os bombeiros. A operação foi rápida: os vizinhos já haviam ligado. Para acabar com o incêndio, foi preciso pouco tempo.

Adamastor disse que Otávio nunca recebia visitas. Era completamente sozinho e não perturbava ninguém. Nunca fazia festas e pouco saía de casa durante o dia. Xavier dispensou o porteiro-faxineiro, sem saber muito bem o que perguntar a ele, e foi conversar com o síndico, Seu Edílson. Baixo, cabelos grisalhos, calmo no falar e no se movimentar. Usa os cabelos para trás e óculos de aros dourados. A pele morena, já com rugas, mostra que fora um homem bonito. Seu Edílson conta que Otávio era um rapaz que nunca havia chamado a atenção para si. Pouco se sabia dele, mas lhe parecia ser de boa índole. Jamais fizera uma festa, tampouco recebera qualquer reclamação sobre ele. Em seguida, Seu Edílson começou a reclamar dos moradores do 305 que deviam ao condomínio e que viviam fazendo festas além de incomodar os vizinhos. O detetive agradeceu a ajuda e foi falar com os moradores do andar de Otávio.

Nenhuma grande novidade. Eram quase discursos monótonos. Pareciam que tinham combinado. Quando sabiam de quem se tratava, diziam que ele recebia poucas visitas, avistavam-no raras vezes fora de casa, nunca tinha incomodado. Uma cena que se repetiu várias vezes. O detetive tocava a campainha, se identificava, explicava por que estava ali, fazia perguntas pontuais, recebia respostas genéricas, anotava-as no caderninho, agradecia, se despedia e ouvia a porta batendo. Enfadonho.

## DEZESSEIS

Há semanas faz calor na cidade. Muito calor e muita umidade. Calor de sentir rapidamente a água salgada por toda a pele, mesmo após os banhos. Braços, costas, pernas, testa. O verão é quente demais. Nada mais incômodo. Principalmente dentro do carro, no meio de um engarrafamento, sentindo o bafo das ruas, do céu azul limpo, dos outros carros. A delegacia fica no outro lado do túnel. Pega o elevador, sempre com engarrafamento, pessoas vendem qualquer guloseima por um trocado. Coloca a cabeça para fora para olhar o sol, enquanto masca um chiclete. Fica impressionado: não há uma nuvem sequer. A marcha e o volante quase queimam suas mãos. Esforça-se para respirar alguma brisa mais fresca pela janela, mas parece inútil. O ar está denso. Passa os olhos entre os ambulantes. Há os bem pequenos, que vendem basicamente balas e amendoins; depois os jovens de 18, 20, 30 anos que levam um mostruário imenso, sortido e pesado. Por último repara em uma velhinha especificamente. Ela carrega uma sacola preta, de difícil identificação. “O que será que ela vende?” Acha curioso que uma senhora tão idosa – “quantos anos ela deve ter? Setenta? Setenta e cinco?” – esteja enfrentando cotidiano tão duro. “A pele enrugada, os olhos cansa...” Sente um estalo. “O que houve com a avó de Otávio? Qual é mesmo o nome dela?” Xavier procura no caderninho de anotações. Repara com um olho no trânsito parado e com o outro procura as informações sobre a velha. “Maria Teresa, Clara, Dilma Carvalho: 80 anos, aposentada, viúva, mora sozinha.”

Toca o telefone.

– Xavier? É o Marcelo Ribeiro, novamente, do “Agora”, lembra de mim?

- Sim, sim...

- Cara, to ligando para dizer que a matéria não subiu hoje, porque precisava de mais detalhes, mas não consegui falar com você novamente. Você pode falar agora?

- Marcelo... É Marcelo, né?

- Sim, fala.

- Estou no trânsito agora, posso falar com você depois? Me liga em meia hora, mais ou menos.

- OK, pode deixar, ligo sim.

Já na delegacia, Volumoso passa por ele:

- Sua atrizinha já está aí.

- Atriz?

- Sim, você não sabia? Tá no relatório que eu te entreguei.

“Relatório?”, se pergunta Xavier.

- Aqui – Volumoso lhe entrega um relatório sobre os personagens do caso - Ela está linda.

## DEZESSETE

Sala de interrogatório. Ambiente fechado, claustrofóbico, imundo, abandonado. Parece que toda a situação é montada, Xavier se sente como se não controlasse nem as próprias ações. Clara está vestida comedidamente. Os dois já se conhecem, mas não têm muita intimidade. O interrogatório já começou. Carlos Xavier tem o tom formal, quase comedido, direto.

– Por que você acha que Otávio se matou?

Ana Clara responde quase irônica, depois de uns instantes de silêncio:

- Você já teve algum sonho?

- Já, claro. – Responde Carlos Xavier, na defensiva.

- Então você sabe que se não concretizarmos aquilo que idealizamos, há uma grande decepção.

- Óbvio. Mas devemos estar acostumados com as decepções.

- Você não entende. Imagine que toda a sua vida fosse baseada em um único ideal. E, depois de algum tempo, você percebe que ele é impossível de se alcançar. Você perde totalmente os seus parâmetros. Não sabe em que mais acreditar. Não tem por que lutar, para que continuar. É uma frustração que consome toda a sua energia, todo o seu raciocínio, que te aprisiona e faz com que você não pense em outra coisa. Você se sente incapaz de reagir, simplesmente porque não enxerga a possibilidade de reação. Está dentro de um buraco profundo, úmido e sem luz, e não sabe que existe um mundo lá fora. Às vezes basta levantar a cabeça e colocá-la para fora. Mas, é como ter fé. Se você não conhece o absurdo, a irrealidade, a fantasia, como pode acreditar nisso? Se você não sabe da existência de um caminho para fora da sua toca, para fora da caverna em que você está acorrentado, como se levantar?

- E qual era o sonho de Otávio?

Clara se movimenta na cadeira, visivelmente incomodada.

- No caso dele era ainda pior.

- Como assim?

- Ele se sentia um traste. Me contava cada história que eu ficava muito assustada. Ele falava que era um peso *morto* – dá um enfoque irônico na palavra – para a família. Há muito tempo ele não tinha um sonho por que viver. Parecia que tinha mudado, que estava se recuperando, mas nada mudou. Agora, consigo ver isso. Era tudo uma armação, um plano dele para eu não sofrer. Ele não queria que eu me sentisse culpada. Pensou em mim. Ele acreditava que se acabasse com a própria vida, estaria fazendo um bem para todos. Em nenhum momento ele imaginou que Tetê faria esse escarcéu. Tudo ficou claro para mim

agora. Todas as nossas conversas... Lembro de alguns de nossos últimos encontros. Foram uma espécie de despedida, dá para ver agora. Ele não enxergava nada, não conseguia mais. Tinha erguido um muro alto em torno de si que o impedia de interagir com outras pessoas. Acho que nos últimos tempos, ele apenas amadureceu a ideia. Não estava mais deprimido, conseguira passar por isso. Estava calmo, quase seguro. Dizia lugares-comuns do tipo “a vida não vale a pena”, ou “não há razão por que se viver”. Mas agora percebo que a ideia do suicídio virou um fim em si, para ele. Era o motivo de sua vida, por mais antagônico que isso possa parecer. Como se ele quisesse dominar o dia da morte, entende? Brincar de Deus. Todos os escritores querem ser Deus. Já pensou nisso, Carlos?

Xavier estava impressionado, mas tentava não demonstrar. Clara dominava por completo seu depoimento. Era multifacetada. Ele a conhecera como a menina frágil, pega de surpresa com o suicídio do namorado. Depois, fora espontânea – prática até – ao conversarem no restaurante. Agora, era a dona do diálogo. Não conseguia se desvencilhar dela. Tinha experiência em entrevistas, mas aquela menina, daquele jeito, conseguia tirá-lo do sério. Sempre dava resposta que não imaginava escutar. Era surpreendido a cada troca de palavras.

- Não, nunca.

- Otávio desistiu porque não enxergou outra saída. E a própria desistência virou a saída. Não era um peso, não era errado, ele apenas decidiria o fim da vida. É uma ideia e tanto. Ele não tinha medo da morte. Não como as pessoas comuns.

Carlos Xavier tentou retomar o controle do depoimento:

- Como você sabe disso? Vocês conversavam sobre o suicídio?

Ela retirou de dentro da bolsa um exemplar de *O suicídio: uma biografia*, Otávio Oliveira, e jogou sobre a mesa, para o lado do detetive. Ele ficou mais uma vez impressionado.

- Nunca.

## DEZOITO

O bairro onde Dona Dilma, a avó de Otávio, mora é curioso. Talvez uma espécie de metonímia da cidade. As antíteses, aparentes em qualquer lugar, aqui se aproximam do paradoxo. O abandono pelas ruas e os milhares de mendigos sobrevivem dos restos da sociedade junto da multidão de turistas. Os prédios têm centenas de apartamentos e a avenida à beira-mar recebe livre a brisa da manhã. As calçadas são lotadas de vendedores informais ao lado das grifes caríssimas e dos hotéis com várias estrelas. Os meninos de rua e as madames andam, lado a lado, sem reparar uns nas outras, pelo calçadão. É aquela areia que parece não acabar, sitiada, dividida, entre figuras das mais diferentes estirpes. Prostitutas saem à noite, e as babás com seus bebês, pela manhã. É o bairro que reflete e antecipa o restante da cidade, um microcosmo do todo. Os engarrafamentos do centro podem ser encontrados na sua principal avenida. Os dois fortes são proteção e mirante ao mesmo tempo. É a população que vem de todas as zonas, dos subúrbios, de outros municípios, de outros estados e até de outras regiões. Um bairro que é a cidade em menor escala.

Xavier observa o prédio de Dona Dilma: pintura escura, a duas quadras da praia, grandes varandas, antigo. “Rico”, acrescenta em um resumo mental. Pede ao porteiro para subir, espera o interfone autorizar sua entrada enquanto observa o grande espelho, que cobre toda a parede do corredor, os detalhes na parede em dourado e da luz amarela, os vasos de plantas, os móveis de madeira pesada, o tapete grosso, velho, usado, e logo já está no elevador. Durante a subida, tenta não pensar em nada, mas está nervoso. Nervoso como nunca. À porta do apartamento está uma senhora magra e elegante, com as maçãs do rosto salientes, de cabelos branco-azulados volumosos. O sorriso é um misto de generoso com burocrático. Dona Dilma tem o temperamento doutrinado, como uma rainha idosa. Consegue até que seu sorriso pareça espontâneo. Não a conhecia, mas à primeira vista, ela lhe parece simpática. Xavier respira fundo. Educadamente, a senhorinha estende o braço e oferece o lar para que o detetive entre. Ele pede licença, humilde e desajeitadamente, e, após limpar bastante os pés no capacho, caminha porta adentro. Observa de baixo a cima os detalhes da casa. O chão de tábuas corridas, antigo e bem conservado. A sala ampla, os diversos móveis pesados, como se fossem comprados no mesmo lugar que os da portaria. Badulaques dentro de uma cristaleira. O bar, com diversas garrafas que ele nunca tinha visto. Dois sofás imensos cobriam a parte próxima à janela, na esquina do salão. Do outro lado, fica a mesa de jantar. Nas paredes, estantes com diversos livros. A biblioteca ficava logo no primeiro cômodo da casa. Dona Dilma aponta um assento e pede para ele se sentar.

A velhinha não parece triste, cansada talvez. Os gestos são calmos, sábios. Emana segurança daquelas mãos lentas. Chega um copo de chá para ela, o detetive recebe a água que pediu trazida em um copo com cubos de gelo. Ele lhe pergunta, para começar a conversa, como recebeu a notícia da morte do neto. Ela bufa bem baixinho. Otávio era o único neto do único filho. Sorri, um pouco nervosa, enquanto os olhos se enchem de lágrimas à procura de um porto seguro.

## DEZENOVE

- Prometi não chorar...

- Desculpa incomodar a senhora com essas perguntas chatas, mas é por um bom motivo: saber exatamente o que aconteceu.

- Sim, tudo bem, eu sei. Mas ainda assim... Eu ainda me emociono quando eu lembro que eu estava em casa, de manhã cedo... Acordo todos os dias bem cedo. Logo depois o telefone tocou. Cida, minha secretária particular, é quem atendeu. Era Tetê. Foi ela quem me deu a notícia.

*Cida, secretária particular, de manhã cedo, anota o detetive na caderneta.*

- Fiquei muito confusa. A notícia não fazia muito sentido para mim. Não naquela hora, não daquele jeito. Otávio não passava por uma fase ruim. Estava bem. Via ele pouco, mas me parecia, nas últimas oportunidades, que ele havia melhorado. Não entendo um ato desses. Não posso entender. É contra tudo aquilo que é normal. Como ele pôde desistir? A vida não é a maravilha que todos imaginamos, mas nós temos que viver com isso. O meu Otávio perdeu a esperança por completo. Isso me assusta. Fico me perguntando: o que é que eu poderia ter feito para impedir isso? Há alguma coisa que se pode fazer para evitar uma tragédia dessas?

*Culpa.*

- Está vendo esses livros? Eu ensinei Otávio a ler com eles. Ainda bem pequeno, ele vinha para cá e eu sacava a história de Pinóquio para lhe ensinar o bê-a-bá. Iria deixar todos esses livros para ele quando eu morresse. É assim o fluxo natural das coisas, não? Primeiro vamos nós, depois os filhos, por último os netos. Aqui em casa, sempre foi o contrário.

Ela toma um gole de chá. O céu lá fora está azul e o tempo quente. Xavier não se recosta no sofá, com medo de manchá-lo com o seu suor.

- Ele sempre foi um menino muito inteligente, gostava de ler bastante. Já rapazinho, vinha para cá, depois das aulas, estendia-se nesse sofá que você está sentado, catava um livro qualquer e passava a tarde lendo. Depois suas visitas foram diminuindo, diminuindo, até que não veio mais. Raramente o encontrava. Só em ocasiões familiares.

Aquela velhinha falando com voz de algodão aparentava agora mais fragilidade que no início da conversa. Mas, a voz trêmula e os olhos marejados não combinavam com a ideia que o detetive tinha dela. Imaginava uma senhora de pulso firme que não choraria nem se presenciasse o próprio enterro. Dona Dilma, porém, falava da perda do neto como algo que lhe machucou profundamente.

Ele lhe pergunta se ela dava algum dinheiro para Otávio e Tetê. Ela meneia a cabeça num misto de confirmação e negação.

- Às vezes – responde – Não era certo, não era sempre. Não imaginava que isso o humilhava. Pensei que estava ajudando um neto meu, filho de meu filho.

Enquanto ela fala, Xavier se levanta para observar os livros nas estantes. Algumas enciclopédias, obras completas de escritores clássicos, edições antigas. Comenta que alguns daqueles livros devem valer muito. Dona Dilma se ilumina e responde com a voz mais segura daquele diálogo:

- Não há dinheiro no mundo que possa comprá-los. Não sou daquelas fetichistas que consomem as primeiras edições só porque são as mais antigas ou porque têm a assinatura do autor. Gosto de ter todos os livros dos meus autores favoritos. Quero saber como ele, ou ela, pensava, quais foram suas ilusões, em que utopia ele acreditou. Minha intenção é conhecer o universo que ele criou.

- A senhora já leu o livro de Otávio?

- Não li, nem vou ler.

## VINTE

Já em casa, Xavier pega o livro de Otávio, junto com uma garrafa, e começa a ler. É a história de vida de Otávio Oliveira de Carvalho, além de suas elucubrações, viagens, anotações esparsas, pequenos poemas em verso livre.

Em um pedaço, fala sobre um escritor de uma única história. Um sujeito que durante a vida inteira reescreveu o mesmo tema, apenas modificando detalhes na estrutura original. Entretanto, a partir da primeira mudança, as conclusões também se transformam. E, com a quantidade de variações, os textos se tornam totalmente diferentes um do outro.

A partir das alterações, ele cria novas situações para fazer com que a trama tenha sentido. Assim, apesar de repetir sempre o mesmo tema, ou nem isso, cada uma das historietas é diferente. Desde o primeiro texto que foi escrito, ele já deixou pré-estabelecido algumas bifurcações no caminho. Com o passar do tempo, ele vai entrando em outras portas.

Um “não” se transforma em “sim”, e todo o desenrolar do texto se modifica. Ou personagens com personalidades bem marcadas trocam drasticamente de comportamento. Um sujeito muito violento e ateu se torna um pacifista religioso. Um misógino conquistador vira um gay enrustido.

O texto brinca com o tema dos extremos, demonstrando como, de vez em quando, pessoas que são opostas, no fundo, se parecem muito. Mesmo que externamente, ou para os outros, eles sejam a definição de antônimo, ao tomarem atitudes em determinadas encruzilhadas vitais, os sujeitos são os mesmos, com as mesmas motivações e os mesmos desejos.

Assim, com o mesmo texto, ele consegue abordar diversos assuntos, além de criar várias historietas dentro de uma mesma história. O que seria, em outras mãos, uma repetição de temas, na dele, se torna apenas a estrutura para os temas que gostaria de abordar.

Abre mais uma cerveja.

Em outro pedaço, há uma série de poemas.

### **Diálogos internos 25/05**

Se você não quiser entender,  
Tudo bem.  
Mas não me venha com perguntas  
Que você deveria saber as respostas  
E não me interrompa  
Mesmo quando eu estiver  
Fazendo nada.  
Deixe-me quieto.  
Não me amole com pequenezas  
Ou comentários sem necessidade  
Quando menos os quero.

Dê-me alguns instantes de solidão para me alimentar  
Saia daqui  
Volte outra hora  
Vá ver se eu estou ali, na esquina  
E depois,  
Quem sabe,  
Terei tempo  
E paciência  
Para você

O detetive relê o poema algumas vezes, tentando achar um significado oculto. Acha curioso o título remeter a um monólogo, a um pensamento e o texto em si parecer um recado, uma exclamação contra alguém. Devia ser uma época conturbada. Estava pensando sobre assuntos que não gostaria de pensar. O poema trata o pensamento próprio como uma mulher chata.

Abre outra cerveja.

“Questões – 10/03”. Abre o seu caderninho e procura algo. Lá no fundo da cabeça, lembra de algo relacionado com essa informação. Busca nas suas anotações um número, uma data, um marco importante. Até que encontra: o pai de Otávio morreu no dia 3 de março.

Qual o limite  
Entre a praticidade extrema  
E a dura frieza?  
Será que devemos chorar nossos mortos  
Ou aceitar o inevitável?  
Até quando o inconformismo é sinal de imaturidade?  
Só a juventude pode oxigenar o sangue?  
Qual a definição exata  
Ou aproximada  
Para jovem?  
Desistência é sinal  
De impotência ou  
Incapacidade ou  
De covardia?  
Quando não se vislumbra  
Nada à frente  
Não se é no presente  
E o passado não prometeu nada,  
Há desconto?  
Até a ironia perde força  
Quando os músculos  
Descolam-se do corpo.

É inevitável associar o estado de ânimo de Otávio com a morte do seu pai. Parece que ele se sentira frio, distante, sem sentimentos em relação aos acontecidos. E se culpou por isso.

Acontece isso sempre. Muitas vezes os mais próximos não se dão conta do ocorrido até semanas depois do fato em si. São pegos tão de surpresa que não processam a informação. Algumas pessoas só sentem a perda aos poucos.

Pega mais uma.

O detetive abre o caderninho na página que está a anotação da data da morte do pai de Otávio e lê mentalmente a explicação: *Olavo, Otávio e Maria Teresa voltavam da casa de praia após um fim de semana em que pai e filho tinha brigado muito. Era já alta madrugada e chovia muito. O motivo da briga era banal: o filho queria sair com os amigos, mas o pai não permitiu. Mesmo assim, o garoto saiu de casa escondido e, quando voltou, houve nova briga. O pai, que havia bebido uísque durante a espera, decidiu ir embora no mesmo instante em que o garoto chegou. Juntaram as malas e partiram.*

*Segundo a perícia, Olavo andava em alta velocidade. Segundo os relatos de Otávio e Maria Teresa, não houve discussão, mas ninguém conseguia dormir. Em uma curva perigosa, um motorista de caminhão perdeu o controle e acertou em cheio o carro da família. O carro ficou completamente destruído. O motorista do caminhão, cuja lateral se destruiu, ficou completamente desesperado, de acordo com o que contaram à época. Olavo ficou preso nas ferragens. Otávio, sem cinto, foi cuspidado pela janela e caiu no asfalto, bem machucado, mas consciente. Maria Teresa apagou com o impacto.*

*Testemunhas disseram que Olavo ficou sem poder se mexer, desesperado, sofrendo com pedaços de metal retorcido enfiados dentro do próprio corpo. Seu sangue ficou derramado pela pista. Gritava, pedia ajuda, socorro, mas ninguém se aproximava. Ninguém sabia o que fazer. Os médicos demoraram a chegar e ele foi perdendo as forças, diminuindo o ritmo, abaixando a voz, até que desistiu. Esperou a morte num silêncio impenetrável. Em pouco tempo, morreu por hemorragia. Quietos, calmo, tranquilo. O carro não explodiu. Os médicos chegaram alguns minutos depois.*

*Otávio assistiu a tudo sem falar.*

## VINTE E UM

(Já completamente bêbado e enrolando a língua, ao telefone.) - Volumoso, Volumoso, sou eu, Xavier, Volumoso, sou eu, Volumoso...

(Com a voz de quem foi acordado) – Fala, Xavier.

- Te acordei, pode falar, estou atrapalhando, Volumoso?

- Não, não, fala, pode falar, Xavier...

- Volumoso, não estou acostumado a ler essas coisas não. É triste pra caralho... O Otávio tava perdido, né? Tava ferrado, o pai dele, o pai dele morreu de um jeito bizarro, Volumoso. E ele viu tudo, Volumoso! Ele viu tudo! O pai foi imprensado no carro e ficou calmo, tranquilo. O garoto viu tudo. Que bizarro. Se isso não é um motivo para se matar, então qual seria? Você sabe qual seria, Volumoso, o motivo para se matar?

- Não, Xavier, não sei...

- É complicado julgar a vida dos outros, Volumoso. E ele não fez mal nenhum a ninguém. Ele só deu um tiro na cabeça, na própria cabeça, não foi na cabeça de ninguém mais, foi na própria cabeça.

- Hum...

- Como dizer que ele agiu errado, ao puxar o gatilho? Você diria, Volumoso, você diria que ele agiu errado?

(Bocejando) - Não.

- Se depois de 25 anos vividos, ele nem tinha 30 anos, Volumoso, nem tinha 30 anos. Era da sua idade. Ele não sabia quem ele era, o que ele era, o que ele seria. Tava perdido. Um tiro na testa. Corajoso. Todo mundo deveria ter o direito de acabar com o desespero próprio, você não acha?

- ...

- Volumoso? Volumoso? Volumoso?

## VINTE E DOIS

Ele veste a melhor camisa de botões e manga comprida que tinha. Olha-se no espelho, pela terceira vez. Fica na dúvida se coloca a camisa para dentro ou para fora da calça. Se o sapato combina. Ou se deve usar algo mais social, ou próximo do esportivo. Decide colocar perfume.

O lançamento do livro seria num bairro que poderia pertencer a qualquer país que se acha civilizado. O bairro vive tão aparte do restante da cidade que os seus habitantes têm um ar pernóstico natural. São prepotentes sem saber que estão sendo. Sentem-se como uma espécie de reserva daquilo que de melhor se pode produzir num país. Mas, mesmo lá, as pessoas demonstram que ainda vivem no Brasil, onde o mais rico se acha mais importante que os mais pobre, e, portanto, que não precisa respeitar as mesmas regras.

Carlos Xavier chega devagar à recepção, um pouco envergonhado. Nunca tinha ido num evento desses, mas acha que há algo de curioso: o autor não vai dar autógrafo. Não há uma mesa onde os simples leitores fazem fila à espera da assinatura do escritor. Todos, convidados e penetras, se espalham pelo salão da livraria, balançando as taças com espumante nacional, cada um sorrindo mais que o outro e falando mais alto que o outro. Xavier não sabe muito bem como se comportar nesses ambientes. Fica parado num canto, pesca um dos copos e fica à procura de algo ou alguém. Sua intenção é conseguir alguma informação importante que não seria dada em terreno formal. Posiciona-se sem pensar atrás da estante de poesia. Estava parado lá há alguns minutos, sozinho e sem enxergar ninguém, quando escuta uma voz doce ao seu lado:

- Não sabia que gostava de poesia.

Era Clara. Estava com um vestido estampado e discreto, de alças finas e tecido leve que ia até o meio das pernas em diagonal. O lado direito, mais longo que o esquerdo, passava do joelho. Sem nenhuma maquiagem, apenas o batom claro. Estava especialmente linda. Carlos Xavier se apruma e tenta responder:

- Comecei agora. Com um poeta que era bem jovem, mas que infelizmente morreu.

Clara abaixa a cabeça e esconde o queixo, como se estivesse envergonhada. Ele continua:

- Dizem que ele se matou. O detetive que está investigando o caso já está chegando a algumas conclusões.

- E qual a conclusão que o detetive está chegando?

- Isso eu não sei. Seria somente com ele. Sou apenas um sujeito que relembrou que gostava de ler, por causa desse autor específico. Estou eu aqui, inclusive, por causa do lançamento dele.

- Me diga, o que é que esse poeta escreveu que lhe lembrou do gosto pela leitura?

- Bem, eu não sou um crítico e, como disse, estou meio enferrujado nesse negócio de livros, mas ele me fez entendê-lo. Parece que ao lê-lo, eu posso compreender como ele pensava, como sentia. Posso decifrar tudo o que ele queria dizer. Ele se transformou em um ser transparente para mim, uma espécie de amigo virtual.

- É... Curioso. Geralmente os poetas novos, contemporâneos, gostam de ser herméticos. Procuram a “metáfora perfeita”, a figura de linguagem que englobe todas as outras palavras. Viram esfinges indecifráveis.

- Parece que ele escreveu para que todos entendessem.

- Será? Não seria apenas porque ele escreveu sem pretensão literária, como uma espécie de diário e, por acaso, esse calhamaço virou público? E, por outro lado, não seria curioso, e extremamente viável, que os escritos fossem obra de uma mente maquiavélica, feita apenas para confundir? Na verdade, nada daquilo seria verdade. Tudo inventado. Toda a angústia, a dor, o desespero. O poeta seria apenas outra obra da ficção.

Xavier fica surpreso e sem reação. Tinha mentido, fingindo estar seguro naquele ambiente. Tinha encarado o livro como verdadeiro, mas o seu pensamento começa a se perder em devaneios. “Será que podemos descrever tão bem as frustrações sem termos passado por elas?”, se pergunta. Não era a primeira vez que Clara tentava confundir sua cabeça. Ela fornece duas opções antagônicas. O provável é que nenhuma das duas seja a correta, que haja uma outra que ela não quer dizer. “Talvez seja melhor contornar a situação, deixar que ela se sinta mais à vontade e tente fechar o cerco”, conclui o detetive, quando tem o pensamento interrompido.

- Vamos – diz Clara.

Os dois caminham juntos, ela na frente, ele atrás. Xavier não sabe para onde, mas pouco lhe importava. Só tinha olhos para ela: suas costas à mostra, a cintura fina, seu quadril ligeiramente maior, seu bumbum pequeno e arredondado. Movimentava-se ligeira, leve, escorregadia. Os dois se aproximam da mesa principal e Xavier vê Maria Teresa junto de um sujeito estranho.

- Olha quem está aqui – fala Tetê, com uma ponta de desprezo no tom.

- Não poderia perder esse evento por nada – responde o detetive.

- Quem é este? – o estranho pergunta.

- Este é Carlos Xavier, o investigador da polícia no caso do Otávio, lembra dele? - Tetê avisa. O detetive estica a mão:

- Já ouvi falar – responde o sujeito – Sou Juarez, o editor do Otávio, a que devemos a sua visita?

- Começo a me interessar por literatura. Não sabia que poderia ser tão surpreendente.

Xavier recebe o livro da mão do editor e observa a capa. É uma foto de um quarto, parece o do próprio Otávio. Há um detalhe no fundo, parece uma... “É uma arma”, conclui, sem falar. Eles fizeram a reconstituição da cena. “Canalhas”, xinga-os mentalmente.

- Pena que o autor não poderá autografar o meu livro – Xavier arremessa a frase com o intuito único de causar constrangimento.

- Vamos – repete Clara para Xavier.

## VINTE E TRÊS

Clara pede carona e Xavier concorda em dar-lhe, antes de saber para onde ela iria. Mas, mesmo com a menina ao seu lado, o detetive pensa em Maria Teresa e naquele editor. Ela, de vestido no meio das pernas e de alças, cabelos mais curtos e negros que o normal, maquiagem forte, corpo bem delimitado para alguém que não é exatamente nova. O outro sujeito, o tal de Juarez, parece do tipo que finge estar feliz 100% do tempo. Um falso simpático. Transforma-se em seu amigo de infância nas primeiras duas palavras. Parece um solitário que barganha por atenção de outras pessoas.

Clara pergunta por que ele estava tão silencioso. Xavier responde que não havia problema algum. Ela insiste, quer saber, argumenta que, pela primeira vez que eles se encontram, ele não está mascando chiclete. Ele tenta fugir da questão e devolve perguntando onde é que ela mora. A menina argumenta que só conta para onde vai se ele disser o que está passando pela sua cabeça. Ele a olha espantado. Estão parados num sinal. “Tá bom, o que eu sinto por essa menina não é normal”, admite para si. Sua cabeça começa a pegar fogo como um adolescente. Passa a manga da camisa na testa para limpar o suor que desce mais que o normal. O sinal abre, os dois continuam silenciosos.

- Sanguessugas.

Clara vira o rosto na sua direção.

- Maria Teresa só pensa em tirar proveito da morte do filho. A maneira como Maria Teresa trata a situação, transformando o filho numa celebridade póstuma, só para poder tirar vantagem, me enoja. Ela tem todo o direito de não concordar com o rumo das investigações, pode contratar um advogado, lançar livro, fazer o caralho a quatro, mas aposto que ela nunca tinha dado atenção a Otávio antes do suicídio. Mesmo sabendo que ele gostaria de ser escritor.

Ela sorri.

- Por que você está rindo? É para mim ou de mim?

Ela responde que ele não parecia um policial, não desses que encontramos nas ruas, de quem descobrimos histórias macabras.

- Não sou um policial que fica nas ruas combatendo as “desordens urbanas”, mas um investigador, que tenta descobrir a verdade sobre os fatos – diz quase com orgulho de si mesmo, apesar de saber que não era nada verdade.

Clara ri novamente.

- Pouquíssimos casos são desvendados.

- O problema é estrutural. São várias razões que fazem chegar a esse nosso resultado.

- Às vezes você me lembra o Otávio.

Ele inclina a cabeça e quase grita: “eu?”. Na verdade, faz outra pergunta:

- Como assim?

- Otávio tinha esse mesmo pensamento sobre a mãe. Nunca, por isso, havia pedido uma ajuda. E se sentia humilhado quando ela depositava o dinheiro para ele passar o mês. Não é que ele não gostasse dela, ele já havia passado da época de odiá-la, mas agora ele apenas era incapaz de contra-argumentar. Sentia-se acuado, sob pressão, sem expectativa.

- Então, onde é que nós dois nos parecemos?

- Não sei ao certo, mas vocês dois possuem uma paixão que não foi contaminada. Otávio só perdeu essa esperança no fim, quando nada mais importava.

- Eu escolhi ser policial porque queria ajudar os outros. Mas não, não era só isso, também estava ansioso pela investigação, pelas descobertas, por montar o cenário do crime peça a peça.

Xavier sabia que não estava construindo para ela uma imagem verdadeira. O passado é individual e intransferível. Quem o viveu, relembra de um modo que nunca poderá ser materializado ou mesmo verbalizado. A intenção era criar esse passado o mais fiel possível, para que a verdade emergisse. Mas depois desses muitos anos na corporação, o detetive está cansado.

- Vira aqui à direita - ela interrompe o seu raciocínio. Depois que o detetive dobra a esquina, Clara explica que morava naquela rua. Ele sorri para ela.

- Você trapaceou. Estávamos sempre no caminho certo e você não falou nada, como tinha prometido - Ela ri e responde:

- É aqui, a menina aponta – o detetive para o carro e olha para o prédio.

## VINTE E QUATRO

O telefone de Xavier toca. Mesmo dirigindo, ele atende.

- Alô? É o detetive Xavier?

- Sim, sim, quem fala?

- Marcelo Ribeiro, do *Agora*, pode falar, detetive?

- Má hora, Marcelo, estou dirigindo...

- Juro que não vou demorar...

- Fala, cara, fala...

- Você está sabendo de um exame particular que a família fez com o cadáver? A família do Otávio?

- Exame particular? Não, nada... – Responde assustado, ao mesmo tempo que estava de saco cheio.

- É. Parece que os resultados são assustadores. Estou querendo conseguir essa informação.

- Exame de quê? Qual é o resultado? O que isso prova? O que é que tem isso?

- Hehehe. E eu que achava que eu era quem fazia as perguntas aqui.

- Fala logo, porra.

- Calma, cara, calma. Eu não sei de nada. Estou ligando para você exatamente para tentar descobrir alguma coisa.

- Porra, caralho, tu me liga para não dizer nada?

- Xavier, prometo te ligar se descobrir alguma coisa, ok?

## VINTE E CINCO

Tem um sonho diferente. Está numa rua escura e esfumaçada. Mal é possível enxergar logo adiante. Caminha sem pensar, não vê outra possibilidade nem é dono de todos os movimentos. Não percebe, mas tudo a sua volta está descolorido. O único som que escuta é abafado e distante. Como bumbos medievais tocando em um único e eterno ritmo. De repente, avista um vulto à sua frente. Num ato reflexo, aumenta a velocidade dos seus passos para tentar alcançá-lo. Mas a figura não se aproxima. Não importa se corre: a distância entre os dois é sempre a mesma. Inexplicavelmente diminui o ritmo das passadas. O sujeito permanece onde sempre esteve, à sua frente, a uma distância que é longe e que o impede de tocá-lo. Os dois se movimentam em compasso. Um passo da perna direita de um reflete num movimento idêntico do outro. Em seguida, se vira para trás. Enxerga outro sujeito. Também não é possível identificar nenhum traço de fisionomia, mas sente como se estivesse sido vigiado desde sempre. Começa a correr na tentativa de fugir, mas não dá certo. O vulto de trás está cada vez mais perto. Seu coração dispara e suas pernas fraquejam. O outro se aproxima mais e em qualquer momento vai lhe agarrar. Sente-se como uma criança fugindo de uma assombração e não consegue deter o medo. Vira-se novamente para frente e avista, num susto, um corpo completamente carbonizado. Nessa hora acorda.

## Reviravolta no caso do suicídio de escritor

**O Independente** - O laboratório de análises clínicas patológicas Silva e Jardim anunciou hoje o resultado do exame de DNA para o caso do suicídio do escritor Otávio Oliveira de Carvalho: o corpo encontrado não é o do romancista. O doutor Geraldo Silva e Jardim afirma que não há engano neste tipo de teste: “As chances de erro são nulas”.

A análise foi encomendada pela família Oliveira de Carvalho à revelia da polícia, por suspeitas na condução do inquérito. O detetive Carlos Xavier, que era o responsável pelo caso, já foi afastado pelo delegado responsável por suspeita de corrupção na condução das investigações. Procurado, o policial se limitou a dizer que nunca havia acreditado na hipótese de suicídio.

O delegado Aníbal Roseira explicou que agora se inicia uma nova fase nas investigações. Os policiais vão focar na busca pelo próprio Otávio e pela identificação do corpo encontrado na casa dele.

“Ao encontrar Otávio, a história estará resolvida”, resumiu.

De acordo com Roseira, o escritor, que recentemente lançou o seu livro de estreia, *Suicídio: uma biografia*, é o elo principal de toda a história. Entretanto, o próprio policial admite que ainda não há qualquer pista do paradeiro de Otávio.

“Vamos começar tudo do zero. Vamos fazer um trabalho sério e encontrar Otávio.”

A mãe de Otávio, a empresária Maria Teresa Oliveira de Carvalho, mostrou-se feliz com a possibilidade do escritor estar vivo. Ela disse que sempre suspeitou da inércia da polícia. Ao ser abordada sobre o paradeiro do filho, Maria Teresa afirmou não ter notícias sobre ele desde o incidente e fez um apelo às autoridades para o encontrarem.

“Meu filho é inocente. Ele deve estar muito assustado, escondido. Ele é muito sensível”, explicando, também, que não sabe quem é a pessoa encontrada na casa de seu filho.

### Suspeita de suborno

O detetive Carlos Xavier é suspeito de ter recebido suborno da namorada de Otávio, a atriz Ana Clara de Magalhães Soares. Ele aparece em algumas fotos conseguidas com exclusividade pelo jornal O INDEPENDENTE recebendo um pacote que teria uma quantia ainda não revelada de dinheiro. O delegado Roseira informou que vai abrir uma sindicância para apurar o caso.

O detetive não quis comentar o assunto. Ana Clara não foi encontrada pela reportagem.

*(Imagens de câmeras de segurança da delegacia)*

Cena 1 - interior /dia

O policial CARLOS XAVIER está sentado à mesa na sala do delegado ANÍBAL ROSEIRA. Vemos os dois num canto da imagem, atrás do ventilador que roda lentamente. O ambiente é organizado: há um armário de arquivo perto de ROSEIRA, sobre a mesa há diversos papéis colocados em sequência. XAVIER está apreensivo, ROSEIRA um pouco nervoso.

Os dois discutem, gesticulam muito. XAVIER se levanta e se senta algumas vezes. ROSEIRA permanece sentado e volta sempre com as mãos quase espalmadas para uma posição em frente ao rosto. Em determinado momento, XAVIER explode, bate com a mão na mesa e sai da sala. ROSEIRA não se mexe.

(CONT.)

O salão da Delegacia não é muito espaçoso, mas tem várias mesas quase amontoadas umas sobre as outras. Há uma confusão explícita. Alguns policiais estão ao telefone. Há os que atendem alguns casos pessoalmente e aqueles que não fazem nada em absoluto. Entre eles está VOLUMOSO. XAVIER parece perdido em seus pensamentos. VOLUMOSO o chama com a mão.

XAVIER não esboça nenhuma atitude. Os olhos estão mortos. Ele está parado, sentado à sua mesa, impassível ao tumulto a sua volta. Novamente, VOLUMOSO o chama e outra vez XAVIER o ignora.

De repente, em um estalo, se levanta de pronto. Anda com rapidez em direção a sala de ROSEIRA. Esbarra em algumas mesas, mas ainda está em uma espécie de transe.

(CONT.)

XAVIER entra sem bater na sala, enquanto ROSEIRA observa uns papéis à sua frente. XAVIER está esbaforido e ainda mais nervoso. Discutem rapidamente outra vez até que se calam. Em seguida, XAVIER sai da sala, batendo a porta.

CORTA.

Terça-feira, de manhã - Acordei com sede, boca seca, cansado. Acabei de acordar e já estou cansado. Que merda. Também, antes de dormir, tomei umas cervejas. Muitas e sozinho. Tô enferrujado. Tô velho. Tô na merda.

Não sei por que estou gravando essas porras aqui nesse gravador velho que eu tenho em casa. Apenas tô com vontade. Não quero deixar nada para posteridade, nada dessas viadagens. Acho que é porque eu li o livro daquele viadinho, o Otávio. Mas o que é que uma coisa tem a ver com a outra? Porra nenhuma. Tô ficando louco.

Quinta-feira, quase noite - Estou aqui em casa, o dia inteiro, sem fazer porra nenhuma. Tá um saco. Não saí para nada. No máximo fui até a padaria e comprei mais cervejas. Quase escrevi "cervejas" com "s". Sou muito burro. Há quanto tempo não escrevo nada? Acho que desde o colégio. Ou seja, desde quando minha vó era virgem. Quando entrei para a polícia, só escrevia os relatórios e que nem a minha cara. Eu quero só ocupar a minha cabeça para não fica maluco de vez. Tá foda.

Vi TV, comprei o jornal, tentei fugir das páginas policiais, mas não consegui. Nenhuma pista sobre o paradeiro de Otávio nem Clara. Sobre mim, o de sempre. Sou o safado, o corrupto, o vigarista. A corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Eu deveria ter imaginado isso.

Sábado, meio-dia - Estava pensando sobre a polícia. Incrível como eu, antes de entrar, imaginava uma vida completamente diferente da realidade. Eu fui muito garoto. Não sabia nada da vida. Era um moleque, inocente, eu tinha o coração bom. Eu não era igual aos outros pés-rapados da delegacia. Eu tive alternativa. Podia ter tentado fazer uma faculdade, até mesmo ser delegado. Mas não. Fui burro. Dei mole. Fiquei com medinho e não fiz porra nenhuma. Pensei que não seria aprovado no vestibular, ou não conseguiria terminar o curso. Depois, se ainda passasse na faculdade, se acabasse a faculdade, eu tinha medo de não passar no concurso público para delegado. Eu não sou muito bom com provas. Fico nervoso. Mas até hoje acho incrível como fui tão inocente... Como pude ser ingênuo a ponto de acreditar que teria uma vida boa na polícia? Eu mesmo me impressiono com quem eu fui e com quem eu sou agora. É como se eu tivesse ido para a guerra.

Domingo, quase madrugada de segunda - Peguei o carro e atravessei o túnel sem motivo. Ou melhor, eu sei o motivo. Só não gosto de admitir. Mas como ninguém vai ouvir essas merdas... Queria de alguma maneira voltar para o meu caso, o caso do Otávio. Escolhi ir para o bairro onde a vó dele mora. Assim me sentiria mais, mais... Vivo...

Parei num bar, melhor, num boteco, numa rua que desemboca na praia. Rolava um sambinha bom, parei de longe, pedi uma cerveja e fiquei observando, me divertindo. Sem querer, em poucos minutos, estava pensando nela, em Clara. Não é nada de paixonite aguda, não. Não tem nada a ver com isso. Apenas queria entender tudo o que aconteceu. Eu sei que ela só me enganou, nunca disse uma verdade, mas não consigo ter raiva dela. Ela sempre foi muito simpática comigo. Nunca me falou uma verdade, mas parecia tão verdadeiro o que nós conversávamos... E ela não aparece no livro de O. O. Por que será? Será que ele queria preservá-la? Ou ela seria verdadeira demais para uma história dessas? Tô viajando. Acho que bebi demais.

Terça-feira, de manhã - Escolhi ser detetive, investigador, por uma questão de afinidade. Gostava de investigar. E porque dava para trabalhar pouco e o salário era bom. Tenho que admitir, aqui. Ninguém vai ouvir isso mesmo. Não tem importância falar a verdade. Mas não posso negar que ficava feliz quando conseguia juntar as peças do inquérito e chegar a alguma conclusão. Incriminar alguém, isso sim é poder. Ver o sujeito ser condenado com os seus argumentos. Eu tenho um raciocínio coerente. Sou bom nisso. Tenho orgulho das minhas conclusões. Convencia o delegado, mostrava uma interpretação diferente para o promotor. Para o V., então, dava aulas. E ainda era bom no palpite. Me lembro de uma vez que eu acreditei numa ideia que eu tive e, pá, fui. No fim, era o certo, consegui pegar o feladaputa. Era bom resolver os casos. Era bom acertar um chute e depois convencer os outros que sempre tive a certeza do que era para ser feito. O que será que sobrou disso tudo?

Segunda-feira, de tarde - Incrível como há semanas faz calor nesta porra desta cidade. É 40º todo o dia, suando o dia inteiro, com a pele sempre melada. Uma merda. Na minha casa é ainda pior: mais quente. Parece que o teto aumenta o calor. Já acordo suado. De manhã, que deveria ser o momento mais fresco do dia, já tá quente pra cacete. Abro os olhos e, pá, já tá calor pra caralho. Os dois ventiladores não adiantam de porra nenhuma. O ar parece que não se mexe e só sinto a bafa. Para dormir, é outro cu. Tomo banho, não me seco e vou para cama direto. Nos primeiros minutos, quase sinto frio. Mas meu corpo nem chega a secar. Vai da água pro vinho. Ou melhor, da água pro suor. Fico puto. Dormir com Flor era ainda pior. Mais calor. E, à noite, ainda tem os filhos-das-putas dos mosquitos. O teto fica lotado de mosquitos, daqueles das pernas de zebra. Uma merda muito grande. A parede em frente à minha cama tá cheia de sangue. Fico jogando o meu travesseiro para acertar nos filhos-das-putas, mas não adianta. Parece que eu mato um e vem quarenta no lugar. Vou mandar consertar o ar-condicionado. Ou vou comprar outro. É uma questão de necessidade. Mas primeiro tenho que ver essa instalação elétrica. Aqui em casa é gato, claro, por isso dá essas merdas de queimar a porra do ar-condicionado bem no verão. Todo mundo puxa a porra da luz e não sobra nada para mim. Resultado? Quentura dos caralhos.

Sexta-feira, noite - Mais um dia sem fazer porra nenhuma, mais um dia com gosto de cabo de guarda-chuva na boca. Pelo menos o sambinha era bom. Perguntei para o garçom que dias o bar funcionava, ele me respondeu que sempre que houver lua no céu. Achei o cara gente fina. E o samba? Perguntei. Sempre que houver cerveja gelada, respondeu de chofre. Acho que ninguém fala mais “de chofre” hoje em dia. É uma parada velha. O Roseira deve falar ainda. Aquele velho arrombado. Me disse que uma porrada de jornalista tinha ligado para ele. Foda-se, falei, foda-se. Tô nem aí. Disse que tinha me avisado. Mas, caralho, fui eu quem disse que essa porra não era suicídio porra nenhuma. Adiantou falar qualquer coisa? Ele queria me foder, isso sim. Me colocou na geladeira. Arrombado. E ainda vai fazer aquela porra de, como é que se chama, caralho? – tenho que parar de beber assim, fico me esquecendo de tudo, minha cabeça dói para caralho também – sindicância, isso. Sindicância. Que filho-da-puta. Só falta eu ser expulso da porra da polícia. Vou perder tudo. Como é que fica? Tô fudido.

Domingo, fim da manhã - Acho que vou voltar lá no samba hoje. Novamente me peguei pensando na Clara. É engraçado como a Flor é para mim uma lembrança antiga... Não sei como consegui morar com ela durante tanto tempo.

---

Lembro que Clara falou alguma coisa sobre ser Deus. Autores querem ser Deus, uma merda dessa. Ela estava se referindo ao namoradinho ou a todos os escritores do mundo? Deus criou o céu e a terra, criou os homens e no sétimo dia descansou. Acho que é só isso que eu sei da Bíblia. O que ela quis dizer com essa merda? Escritores criam céus, terras, homens e descansam quando querem. Muito melhor. Escritores querem ser mais que Deus. Isso é óbvio. Por mim, matava todo mundo. Não sobrava nenhum. Todo mundo morto. A começar por esse viadinho. Que corno. Por mim, dava um tiro no meio da testa dele, para parar de frescura. Queria ver ele sair dessa, dessa vez. Vou fazer de tudo para encontrar com ele.

Segunda-feira, de tarde - Voltei lá no boteco. O samba é de primeira, mesmo. Já me arrisquei em algumas músicas. Os sujeitos que cantam não parecem metidos.

Acabei de me lembrar que tenho que resolver as burocracias da demissão. Caralho como vai ser com essa ressaca do tamanho de um bonde que eu tô passando agora? Tenho uma grana para retirar, que não vai durar para sempre, mas e essa dor de cabeça?

Sábado, de manhã - É engraçado, mas também não consigo julgar o Otávio pelo que fez. Já falei umas merdas, mas eu tava putto. Eu sei, ele deu um tiro na testa de um fulano qualquer e sumiu, desapareceu. Mas, sei lá. Porra, a história do pai dele é assustadora. Imagina ver o pai morrendo, depois de ter uma discussão com você? Eu que não queria isso para mim. E a mãe, aquela perua? Deus me livre. Quero viver a minha vida inteira sem encontrá-la novamente. Aquela mulher não é uma mãe, é uma bruaca. Não acho que as pessoas devam sair por aí assassinando outras, mas... Sei lá...

Quarta-feira - Eu mantinha uma relação boa com os outros policiais. Gosto, até, de alguns. Sinto saudade deles. Volumoso é um cara que eu vou sempre considerar como um filho que eu não tive. Veio aqui ontem. Tomamos umas cervejas, conversamos sobre o caso. Ele me atualizou. A.A., a dupla mais alcoólatra do mundo, ficou com ele. Agora eles é que vão ter que descascar esse abacaxi. Tão fodidos.

Domingo, de tarde - Fui de novo lá no boteco. É desses de azulejos azuis, com uma prateleira de cachaça, ovos rosas, carne assada de semana retrasada. Essas coisas. Mas a cerveja é estupidamente gelada e o samba é de primeira. Lá pela minha quinta, sexta garrafa, aconteceu algo muito estranho. Eu vi C. do outro lado da rua. Eu tenho certeza que vi. Estava meio bêbado, mas vi. Não pode ser outra pessoa. Ou não era ela? Me levantei no meio de um samba, deixei as minhas coisas e fui atrás dela. Ninguém entendeu nada. Acho que não era ela, não. Mas parecia. Parecia muito. O mesmo estilo. Pequena, cabelos castanho-claros, branquinha. Atravessei a rua, me aproximei, mas ela entrou num prédio e eu a perdi. Já tava meio bêbado, não sei se ela era. Acho que não. Seria muita coincidência.

Quinta-feira - Ontem, acordei no meio da madrugada por causa de um barulho estranho. Tinha bebido um pouco na noite anterior. Um pouco nada, tinha bebido pra caralho. Tava ainda bêbado, mas o barulho me acordou na hora. Que porra é essa?, pensei. Deu merda, pensei, deu merda.

A minha rua tem algum movimento durante o dia. De noite é um deserto. Fico com medo de morar aqui. Na parte de trás da minha, fica outra casa, que dá para a outra rua, igual à minha, mas em sentido contrário. O barulho pode ser de alguém que tenha pulado do lado de lá, para o de cá, pensei. Fodeu, pensei.

Senti na hora a ressaca bater. Minha cabeça pesava uma tonelada. Tentei me levantar, mas parece que a gravidade estava mais forte só sobre mim. Fiquei preso à almofada do sofá. Fodeu, repeti, fodeu. Tinha que matar esse filho da puta que tava no meu quintal, mas não conseguia nem ficar de pé.

Peguei o revólver e decidi levantar rápido. Mas nem me mexi. Ouvi um galho quebrar com uma pisada. Senti meu corpo duro que nem um pau, meus olhos se arregalaram, a adrenalina aumentar. Tava pronto para matar quem quer que aparecesse. Não me mexi muito para poder ouvir melhor o que acontecia lá fora. Aparece, filho da puta, aparece, falava baixinho. Com o maior esforço do mundo, caminhei para a janela da sala, que dá para a varanda e o quintal. Puxei o cão da arma. Queria estar pronto se fosse preciso. Vou atirar no primeiro homem que aparecer no meu próprio quintal. Vou dar um tiro no meio da cabeça do sujeito, vou ouvir sua cabeça estourar, vou ver o sangue escorrer sobre as plantas, as plantas que Flor cuidava, e, depois, vou chamar a polícia. Deixa ele aparecer. Aparece, filho da puta, aparece.

Em seguida, escutei o barulho do portão fechando. Foi tudo muito rápido. Dez segundos, no máximo. Decidi, na hora, que no outro dia veria o que tinha acontecido. Tinha que voltar a dormir.

Não sei que dia - Depois de algum tempo, meus dias se tornaram apenas um, grande e chato. As horas se repetem sem que me dê conta. Continuo indo ao samba, mas até isso se transformou em uma espécie de obrigação, para tentar fugir do tédio. Bebo muito. Todos os dias e todo o dia. Tô ficando velho. Tô ferrado. Vou morrer sentado aqui, falando essas merdas, sem ninguém se importar comigo. Só o Volumoso vem aqui. Mas já não sei se quero que ele venha. Prefiro ficar quieto. Tô triste. Não tenho mais vontade de sair de casa.

A minha geladeira só tem latas abertas ou comida estragada ou garrafas pela metade. O dinheiro que consegui com a demissão foi uma mixaria. Não sei o que vou fazer, a quem pedir. Não tenho mais forças. Estou sozinho. É o fim da linha.

Como faço para acabar com esse negócio, com esse embrulho aqui no meio da minha barriga que me deixa enjoado, mesmo quando eu não comi nada? Não quero chegar ao fundo do poço. Mas existe algo ainda pior do que o que eu tô vivendo? E aquele Otávio? Parece que foi há 40 anos, toda aquela história de morte, tiro, livro, irmã, namorada... Parece que não foi comigo. Mas foi. E eu fui um incompetente. Dei muito mole. Mas a verdade é que eu não sou bom o suficiente, não sou um bom investigador. O que eu sou? Não sou nada. Não sei fazer nada. Não me imagino trabalhando em lugar algum. Não tenho alternativas. Estou a caminho do fim. Otávio é que fez o certo. Um tiro no meio da testa. Mas, peraí, ele não se matou...

Vivo o dia inteiro na cama. Ou no sofá. Não sei que dia da semana é hoje. Só sei que é dia porque o céu está claro, nublado, embaçado, um bafo. Andar de um lado para o outro é cada vez mais complicado. Tô ficando sem forças. Os programas de TV são todos iguais, tudo uma chatice só. Não consigo ver nada por mais de cinco segundos. Não aguento mais essa poooooorra.

Ontem... Ontem foi foda. Pensei que ia me matar. Coloquei a minha arma sobre a mesa da sala. Retirei o pente, abri a agulha e saquei a bala. Só preciso de uma bala, pensei na hora. Olhei pelo cano e imaginei como seria a minha morte. Solitária. Calma. Ninguém ia reparar. Ia ser que nem a minha vida inteira. Sozinho.

Coloquei a arma na testa, no céu da boca, na têmpora. Fiquei experimentando. Onde eu me mataria? Por onde eu faria a bala entrar na minha cabeça e estourar o meu cérebro? Por onde eu teria a certeza de acabar com essa dor no meio do estômago, que me puxa para baixo? Otávio deu um tiro no meio da testa. Acho que agora eu o entendo. Sei como é chegar ao extremo, só enxergar a saída pela morte e não querer esperar pelo destino decidir quando é a sua hora. Mas, porra, Otávio não se matou. Aquele filho da puta. Eu tô ficando maluco. Ele tá me confundindo. Fez tudo para enganar a todos. Escreveu o livro somente com mentiras. Tentou se transformar num mártir, mas sem se sacrificar pela causa. Ele é um charlatão, um pregador vazio.

Foi aí que eu larguei a arma sobre a mesa de centro. Olhei o vazio, a parede em branco na minha frente, e tive uma iluminação. Não sou religioso, mas senti um troço quente percorrer o meu corpo, um calor que eu não estava mais acostumado. Eu não tenho ideia – pensei – do que vai acontecer comigo daqui para frente, mas enquanto estiver de pé, vou tentar descobrir o que de verdade aconteceu com Otávio. É isso que eu vou fazer. Gastar todo o meu tempo para resolver o mistério. Eu vou encontrar o Otávio. Custe o que custar. Vou atrás desse cara. Vou percorrer cada beco dessa cidade. Vou revirar todo o lixo, encher o saco de todo mundo que eu conheço. Vou encontrar esse arrombado e vou acabar com essa história. E chega de falar essas merdas, que eu tenho que trabalhar sério.

Xavier voltou a frequentar o samba, agora com um objetivo claro. Encontrar com a menina parecida com Clara. Não tinha nada que comprovasse isso, era apenas intuição. Mas ele tinha que começar por algum lugar. Tinha que dar chance para a sua sorte, acreditava. Tinha que se apresentar para a vida. Agora ele tinha um objetivo, um fim único na vida, e nada o impediria de completá-lo. Ele ia passar por cima de todo mundo para encontrar com Otávio.

Passaram dias, semanas e nada. Ficava cada vez mais íntimo dos músicos do samba, mas não encontrava nenhuma pista. Um dia, Volumoso aparece no lugar. Diz estar preocupado com o sumiço de Xavier e pergunta sobre o motivo de ele continuar frequentando o ambiente. Xavier desconversa, alegando que gostava da música, mas Volumoso não acredita. Depois de muito insistir, Volumoso consegue tirar de Xavier que ele tinha visto uma menina que se parecia com a Clara por ali e que estava atrás de pistas do Otávio.

- Porra, cara, larga dessa. Já foi, parte para outra. Tenho um camarada que tá precisando de uns vigias noturnos na empresa dele. É moleza e dá um dinheirinho. Não é nada demais, mas é melhor que ficar aqui, bebendo o dia inteiro e esperando que uma mulher caia do céu.

- Volumoso, só não te mando tomanocu porque eu gosto de você.

- Que isso, cara?

- Eu tenho que encontrar ele. Eu tenho.

- Por que isso?

- Porque eu tenho. E para de me encher o saco.

Os dois ficam em silêncio por alguns instantes. Volumoso desconfiando da sanidade mental de Xavier. Xavier louco para Volumoso ir embora para continuar a sua tocaia.

- Há quanto tempo você não volta em casa?

- Vai tomanocu.

Outro silêncio. Xavier estava com um aspecto degradante. A pele sebosa, o cabelo desalinhado. Vivia o dia inteiro na rua e dormia no carro, estacionado na esquina.

- Cara, eu não deveria dizer isso, mas eu tenho uma parada para você.

- O que é Volumoso? O que é que você tem para mim? Não tá vendo que eu tô trabalhando? O que é que pode ser tão importante assim para você me encher o saco?

- Porra, cara, vai devagar. Eu tenho uma parada que você vai gostar.

- Fala logo.

---

- Um cara, que eu não vou dizer o nome, falou para o A.A. que viu o Otávio por aqui perto, numa rua do lado da casa da avó dele. Eles ignoraram. Não querem se meter nessa história, ficaram com medo do que aconteceu com você. Ninguém mais liga para o caso.

- Tá de sacanagem? A velha mora aqui do lado.

- Poisé.

- Eu sabia. Eu sabia que tinha visto aquela menina. Eu sabia. Porra, Volumoso, eu vou encontrar esse cara...

Volumoso começa a escrever num papel e entrega para Xavier.

- Toma. Foi nessa rua aqui.

- Vou pra lá. Vou pra lá agora mermo.

- Se cuida, ok?

- Valeu, Volumoso, nunca vou esquecer disso.

Xavier montou guarda no mesmo dia. Andava a esmo, de um lado da rua a outro, tentando evitar os olhares suspeitos. Passaram outras semanas e nenhum sinal de nada. Ficava estacionado em frente ao endereço passado por Volumoso. Era um condomínio quase abandonado perto da praia, num dos endereços mais valorizados da cidade. Uma favela vertical. Um bloco de concreto, com tijolinhos azuis já pintados, repintados, e ainda assim desbotados, além de grades em todas as janelas. Sua fama tinha ultrapassado as paredes. Xavier sabia de uma história de um sujeito que tinha sido atropelado por uma moto no corredor do quinto andar. Há outras histórias sobre assassinatos, tráfico de drogas, prostituição. Xavier acompanhava diariamente aquele movimento estranho na esperança de encontrar qualquer sinal. Morria de calor, mas ignorava tudo para alcançar o seu objetivo. Comprava o jornal para saber como andava as investigações oficiais, mas não se falava mais no assunto. Assim como surgira, o caso desapareceu das páginas policiais. Os cadernos culturais, apenas eles, ainda davam alguma atenção a Otávio. Ele aparecia, semanalmente, na lista dos mais vendidos.

Depois de um tempo, começou a duvidar se estava fazendo a coisa certa. Mas não sabia responder. O certo é que Xavier não tinha a menor ideia de onde mais investigar, por qual outro lado recomençar. Ele acreditava, como num voo cego, que este era o único jeito de achá-los. Mais que simplesmente acreditar, ele se obrigava a ter essa fé para poder continuar vivendo.

Ele sabia que era necessário muita paciência em qualquer tipo de investigação, principalmente se o caso envolvesse tocaias, mas já estava ali há um tempo considerável e nada tinha acontecido que pudesse insinuar um rumo correto. As suas provas materiais eram inexistentes, as suas suspeitas eram infundadas, Otávio poderia já estar em qualquer lugar dentro ou fora do país.

Depois de mais algum tempo, começou a raciocinar sobre o que ele deveria fazer caso tivesse a possibilidade de capturá-los. Inclusive se ele queria, realmente, prendê-los. Ele não tinha nenhuma obrigação com a lei. Era ele e a arma que carregava que deveriam julgar Otávio. Será que ele queria simplesmente vê-lo no cárcere? Não. Ele queria entender tudo. Por que Otávio fez tudo isso? Por que ele matou um sujeito com um tiro na cabeça? Quem, aliás, era esse cara? Xavier queria terminar esse caso como alguém que está lendo um livro policial quer chegar ao fim e descobrir quem é o assassino. Depois de saber a verdade, ou pelo menos, a versão dos fatos que contenha menos interrogações, Xavier decidirá o que fazer. Mais que ódio, Carlos Xavier sente curiosidade.

Diariamente, ele acompanhava o aumento da temperatura pelo termômetro da rua. Os dias são todos muito quentes e os números sobem sem parar. Quando bateu os 40 graus, o bafo do calor misturado com a umidade da rua derretendo o corpo, Xavier duvidou que poderia subir ainda mais. No dia seguinte, porém, o calor aumentou e atingiu 42 graus. Ele se sentia mole, sem vontade de fazer nada. Parecia que o seu corpo tinha sido drenado. Sem acreditar no que via, no terceiro dia, o termômetro marca 44 graus. É o dia mais quente da sua vida. Nunca tinha visto algo tão absurdamente insuportável. É arrasador. Ele se sente doente, fraco, com o pensamento confuso. As pernas bambas, a cabeça dói, a visão fica embaçada. Parece que perdeu as forças depois de tanto tempo ali parado, preso. Está febril, com calafrios, tonto. Está magro, como nunca esteve. Está fraco. A curiosidade que sente o consome. Ela se alimenta dele, da sua vida. Não o deixa descansar. Rouba toda a sua força, a sua energia. E ele espera uma espécie de milagre.

Por causa do calor, ao cair do dia, o tempo fecha por completo. Nuvens grossas e escuras tomam o céu. O dia escurece às 17h, em pleno verão. Em seguida, começa a chover. Cai água torrencial e assustadoramente. Uma tempestade de verão sem igual. Os relâmpagos desabam por perto e o barulho do trovão aterroriza. O vento uiva e carrega os mais desavisados. Com a rua alagada, os mendigos se protegem da maneira que podem. Os transeuntes ficam ilhados, os carros bóiam. Os fios nos postes arrebentam, as árvores perdem galhos inteiros e destroem carros. Depois de semanas sem uma gota d'água, parece que veio tudo de uma vez só. Depois do dia mais quente, a tempestade mais forte. O vapor se condensou todo ao mesmo tempo. De repente, a luz se apaga. Ouvem-se gritos de reclamação, xingamentos. Em pouco tempo, a balbúrdia toma conta das ruas. É o caos.

Xavier continua dentro do carro. Treme, mas não é frio que sente. A chuva embaça os vidros do seu carro e ele não enxerga bem. Quando a chuva dá uma diminuída, ele avista um vulto caminhando. Apenas alguém que estava preso pela água e que queria aproveitar a estiagem para ir embora, imagina. O vulto, porém, se aproxima do carro. Apesar de distante e do pensamento confuso, Xavier reconhece a silhueta. Clara.

Ela bate no vidro e pergunta para Xavier quando ele o abaixa:

- Quer subir?

Um quarto-e-sala amplo. Poucos móveis. Lugar espaçoso. Uma cadeira na penumbra, perto da janela. Parece com o antigo apartamento dele. A chuva cai torrencial lá fora e ele sentado ali, inexpressivo, fantasmagórico, cinematográfico. Tem a fisionomia muito comum. Nenhum traço o destoaria da multidão. Os cabelos, curtos, não demonstravam se eram lisos ou crespos. A pele era branca, mas nada parecida com a dela. Traços nem finos nem grossos, medianos. Estatura comum, menos de 1,80m, mais de 1,70m. Ele poderia ser um mendigo ou um milionário.

Era muito quieto, calmo, vagaroso até. Parecia estudar os gestos, preocupado com as consequências de cada atitude. Era falsamente seguro. Parece alguém muito mais velho e com problemas de locomoção. Mas não tem qualquer doença, apenas uma preocupação excessiva, querendo dominar todos os detalhes, não deixando que nada interfira no caminho, sendo dono de tudo à sua volta.

Silêncio imperioso, pesado, subserviente. O outro se senta no sofá. A menina sai do ambiente. O negrume da noite parece invadir toda a sala. Os dois quietos. A primeira palavra parece pesar. Não quer ser pronunciada. Desejam manter a paz sem palavras. A análise muda da fisionomia um do outro. Ele é exatamente como o outro o imaginou. Será que ele já o viu? Já não há uma separação exata entre as duas áreas do pensamento: recordação e criação. As duas se alimentam, uma a outra. Não existem separadamente. Ele pensa nisso. O outro está assustado. Se conseguisse ordenar o que se passa pela cabeça, talvez raciocinasse algo parecido. Mas com outros nomes. Sonho e realidade. Aquilo o que o outro estava vivendo pertencia a qual dos grupos? Será que já houve a separação entre eles? Porém, o outro queria apenas se defender das surpresas. A menina volta com copos sobre uma bandeja. Entrega um para cada, pega o seu e se aconchega no outro vértice, junto do homem gordo. Forma-se uma espécie de triângulo sem palavras. Todos em silêncio escutam a chuva caindo. A força da água aumenta. O outro fica um pouco preocupado. Olha lá para fora. Arregala os olhos. Quase se levanta do sofá.

- Pode ficar tranquilo – ele diz e todo o silêncio se esvai. O transe se quebra. Uma multidão parece invadir o apartamento. A algazarra é intensa. O mundo lá fora interfere nesse daqui de dentro. Não há como evitar a contaminação.

O outro volta os olhos para ele. Opaco. Está diante do responsável por todas as reviravoltas da sua vida nos últimos tempos e não sabe como agir.

- Pode ficar tranquilo – ele repete.

A voz calma, sedosa, amigável, convidativa. O tom seguro, estudado. Parece que ele pensa em cada sílaba, antes de pronunciá-la. O outro, entretanto, não retoma a calma. Não consegue se controlar. Está aprisionado. Caiu novamente em um jogo dele. Como escapar? Sente o coração em disparada. As têmporas pulsando. O estômago gelado.

- A porta está aberta – ele continua – você pode sair a hora que quiser.

O outro olha para a porta. Está a poucos passos, no início do corredor. Se quisesse sair, não havia como o deter. Tranquiliza-se aos poucos. O coração diminui de ritmo. O vento lá de

fora o esfria. Encosta-se ao sofá. Deixa o corpo descansar. Toma um gole da bebida. É forte. Não reconhece o gosto. Todos agem da mesma maneira. O silêncio volta a imperar.

“Creio que você tem algumas perguntas para me fazer. Deve estar um pouco confuso. Assustado, melhor dizendo. Vou tentar responder todas as suas dúvidas. Mas não pense que faço isso por caridade ou pena. Não é esse o caso. Apenas ajo da maneira como entendo que seja a correta. É assim que tem que ser.

“Começemos pelas respostas mais simples. Ou seja, iniciemos do fim. Pedi para Clara lhe convidar para subir para te dar um abrigo durante esse temporal. Nada além disso. Sabia que um dia teríamos que nos encontrar, resolvi, então, que fosse hoje. Assim, pelo menos, você passaria a noite em um lugar seco e razoavelmente tranquilo. Claro que eu sabia que ao nos encontrarmos teríamos essa nossa conversa definitiva, mas isso não alterou o meu impulso.

“E não quero que você me veja como um sujeito benevolente por ter lhe convidado para subir. Acredito que qualquer um faria o mesmo. Já o considero alguém próximo. Estamos juntos a o quê? Quantos meses? Quatro, cinco, seis meses? Nunca fui bom com o tempo. Mas posso te assegurar que acompanho as suas investigações de perto. Desde o início. Lembra do jornalista que ligava para você? Pois. Pensei que você ia reconhecer a voz.

“Sei das suas dúvidas, das suas incertezas, dos seus planos. Considero-o como um amigo. Soube das mudanças que fez no caso, de como você se sentiu quando foi afastado, da sua vinda para cá, para a rua aqui embaixo. Por favor, não encare essas minhas palavras como grosseiras. Não o estava perseguindo. Mas é porque, de certa forma, eu o inventei.

“Bem, mas voltemos ao início. Você deve estar curioso para saber quem é o sujeito encontrado no meu apartamento. Se eu lhe disser que é um zé-ninguém, um morador de rua, você acreditaria? Pois. Fiquei durante um tempo (semanas, meses, anos, não sei ao certo) procurando alguém que parecesse comigo fisicamente. Estatura, peso, cor de pele e cabelo, tipo sanguíneo. Demorou muito tempo. Mais tempo que eu gostaria. Quase desisti de todo o plano por causa desse detalhe. Mas, João... O nome dele era João, bom para ser um João Ninguém, não acha? Pois João me apareceu sem querer. Eu vagava a noite nos piores lugares do Rio de Janeiro: becos, viadutos, favelas, praias, ruas ermas, praças abandonadas, parques escondidos, procurando um sujeito que se assemelhasse comigo. Você provavelmente já reparou que não sou alguém exatamente exótico. Contudo, foi complicadíssimo encontrar um sujeito com as minhas descrições que pudesse ser confundido comigo. Repara que não queria alguém com os meus traços fisionômicos. Afinal, o rosto não seria importante.

“Não pense agora que eu estou sendo um insensível e egoísta. Espere um pouco mais para tirar suas conclusões. Fizemos – eu e João – uma troca para que os dois ganhassem. Se foi justa? Mas o que é justiça? Qual é o conceito que vamos utilizar? É morar nas ruas, sobrevivendo com os restos da sociedade? Ou ter uma vida razoavelmente digna, mas com um fim pré-determinado?”

“Digressão. Contarei, primeiro, quem é João, como foi nosso contato. Depois, explicarei o motivo que me levou a buscar por alguém como João. Não precisa se afobar. Temos a noite inteira aqui.

“Como disse, estava quase desistindo de procurar alguém que se parecesse comigo. Quando encontrava algum sujeito razoável, ele possuía uma cicatriz que me denunciaria no primeiro exame. Sabia que era uma aposta totalmente falível. Só contava com a ajuda da polícia carioca e todos os seus problemas envolvidos. Sei que não há como os policiais conseguirem muito com o que eles têm nas mãos. Pensei que poderia ser descoberto, mas não tão rápido. Isso foi “culpa” da minha mãe. Mas, tudo bem. No fim das contas, tudo deu razoavelmente certo.

“Enfim. Perceba que eu atropelo bastante o que eu quero falar e digo tudo ao mesmo tempo. Esse é um dos motivos por que escrevo. Para organizar o meu pensamento. Transformá-lo em algo racional. É para domar o turbilhão que de vez em quando toma o meu raciocínio e me deixa mudo com tantas palavras. Falar, para mim, é um esforço muito grande.

“Voltemos, pois.”

“Encontrei João quase que por acaso. Era uma dessas noites que caminhava sem destino à procura de um sócia. Entrava nos alojamentos dos mendigos e tomando toda a pouca coragem que possuo, conferia um a um os sujeitos. Tachavam-me como louco. Não tiro a razão deles. A minha atitude era facilmente mal interpretada. Em algumas oportunidades, era visto como gay. Foi muito complicado convencer João a fazer parte do meu plano.

“Estava na areia da praia aqui pertinho. Havia várias pessoas deitadas, próximas umas das outras, num instinto de defesa. João, pelo contrário, estava sozinho. Deitado sobre um banco de concreto, distante de todos os outros. Abordá-lo foi, de certa maneira, mais fácil que interagir com todas as outras pessoas. É incrível que tenhamos que passar por situações escabrosas para, ao fim, encontrarmos a solução de maneira razoavelmente simples. Se soubéssemos os nossos destinos...

“Bem, não vou me afastar do assunto. Fui falar com João, ele pensou que eu estava querendo alguma droga, respondi-lhe que não. Gostaria apenas de conversar com ele. Então ele achou que eu era gay. Quando eu lhe expliquei o plano inteiro, ele teve certeza de que eu era louco.

“A minha ideia era simples. Precisava de alguém para morrer por mim. A primeira reação dele foi de espanto. A segunda foi: “não quero morrer”. É incrível isso. As pessoas têm um amor pela vida que não consigo entender. Vivem vidas miseráveis, sem nenhuma perspectiva, sobrevivendo da caridade alheia ou de pequenas contravenções e, mesmo assim, querem continuar vivendo. Muitas vezes nem sabem por quê. Apenas creem que não é o correto. Uma óbvia herança religiosa. Nem sabem o que acontecerá se morrerem, mas preferem a vida de imensas privações a contrariar seus dogmas internos. Não me encare como um religioso de uma seita absurda. Não é isso. Apenas é uma questão de lógica.

“Por outro lado, não cheguei para João e ofereci apenas a morte. Claro que não. De certa forma, esperava essa reação deles. Propus-lhe, quando pude falar, uma espécie de paraíso terrestre. Em troca, claro, da sua morte. Não o enganei. Não menti em nenhum momento. Fui o mais sincero e correto possível. Ia proporcionar-lhe qualquer prazer que estivesse ao meu alcance. Alugaria uma casa onde quer que ele desejasse. Bancaria todos os seus sonhos de consumo, daria conforto. Em troca, pedi apenas que, em um dia que seria acordado logo de início, ele puxasse o gatilho. Ele se assustou – o que não foi exatamente uma surpresa para mim. Todo o meu plano continha essas variáveis. Deixei-o sozinho, falando que voltaria no outro dia para encontrá-lo no mesmo lugar. E que, se ele não tivesse na noite seguinte, voltaria diariamente, no mesmo horário.

“Ele desapareceu, é claro. O tempo passou e ele não reaparecia. Também não me surpreendi. Imaginei que, apesar da vida ruim que ele levava, não passava pela cabeça dele se matar – ou simplesmente morrer. É um instinto humano que eu, repito, não entendo. Mas, não saíamos do assunto principal.”

“Demorou, mas ele reapareceu. Aconteceu o que eu esperava. Ele passou pela fase de negação, depois estranhamento, costume e, depois de um pequeno contratempo, a aceitação.

“Seria complicado convencê-lo a morrer se ele tivesse uma vida ótima, com segurança e planejamento para a vida toda. Mas é fácil deduzir que, mais dia, menos dia, ele se meteria numa disputa de vida e morte, saindo mais propenso a aceitar a minha proposta. Foi o que aconteceu. Ele brigou com um outro mendigo, o sujeito puxou uma faca, ele conseguiu pegá-la e o matou. João me contou isso muito tempo depois. Quis saber apenas por uma espécie de mórbida curiosidade, já que o motivo pelo qual ele aceitou a minha ideia não interferiria nos meus planos.

“O que ele queria era uma casa na praia – qualquer uma. Sair da cidade era a minha condição para ele participar e ele mesmo havia sugerido isso. Não queria encontrar com ninguém das ruas. Ótimo. Levei-o para o litoral norte. Aluguei por uma temporada uma casa, perto de uma praia escondida e o deixei lá. Mandava dinheiro e não me metia no modo como ele levava a sua vida.

“Pedi apenas que manipulasse um produto químico que eu deixei lá para que ele, aos poucos, perdesse as digitais. Fui lá poucas vezes e, nessas poucas, fiquei assustado com a extrema desarrumação da casa. Mas isso não importava. Combinamos a data, disse que iria apanhá-lo com alguns dias de antecedência para que as pistas fossem diluídas. E ele teria que cometer suicídio com uma arma que eu tinha em casa.

“Quando fui buscá-lo, me surpreendi com as nossas semelhanças. Ele, realmente, parecia comigo. Não muito alto, pele clara, mas não demais, cabelos curtos, olhos castanhos ordinários, traços medianos. Éramos sujeitos comuns.”

“Tudo ocorreu conforme o planejado. Até a noite escolhida. Lembro que fazia um calor sobrenatural. Comprei roupas para ele iguais às minhas. Sairia do prédio pela porta dos fundos, que cai numa ruazinha tranquila e sem saída. Estava tudo pronto para dar certo. Preparei o revólver e esperamos o horário agendado. Tinha que ser bem tarde para haver menos gente acordada. Obviamente ele não conseguiu dormir. Eu também não.

“Ficamos, um em frente ao outro, mais ou menos como estamos agora, acordados, em silêncio, ansiosos. Um pouco antes da hora, entretanto, ele se levantou e falou que não queria mais. Tinha cogitado essa hipótese, mas não a levei a sério. Foi um erro meu, admito. Pensei que seria algo natural, que João encararia a morte como o preço a se pagar pela boa vida que tinha recebido nos últimos tempos. Mas, não, ele era um mal agradecido. Aceito que fiquei um pouco nervoso. A arma estava ao meu lado. Não deixaria com ele até o momento, porque não queria que ele tentasse qualquer gracinha. Então, me levantei já com o revólver em punho e disse-lhe bem baixinho, mas com uma clareza e autoridade que não teriam como contra-argumentar: ele iria se matar, mesmo que não quisesse, mesmo que fosse necessário eu fazer isso por ele.

“João começou a chorar, disse que estava com medo, que isso era errado. Eu engatilhei a arma e mandei-o levantar. Ele aumentou o tom do choro e eu quase gritei para que ele ficasse quieto. Não podíamos chamar a atenção. Ele chorava e dizia que deus não o aceitaria, que ele não foi um bom sujeito, que ele já havia matado alguém, e que suicidas vão para o inferno. A cada palavra dele eu ficava mais e mais nervoso. Religiosos de araque. O sujeito passa a vida inteira como um descrente e no final se transforma em um temente a deus... Se ainda fosse verdade, ainda era possível argumentar, mas no caso, ignorei.

“Ele estava com as mãos no rosto, aos prantos. Respirei fundo e consegui me acalmar um pouco. Raciocinei que se atirasse sobre as mãos dele, todo o meu plano cairia por terra. Deveria, ao menos, tirar as suas mãos. O que seria fácil. Falei que estava tudo bem, não precisava chorar. Ele, então, chorou mais ainda e começou a me agradecer. Aproximou-se e eu gritei para ele parar. Ele tomou um susto, parou de chorar e me olhou sem as mãos no rosto. Foi o necessário. Um tiro certo no meio da cara. A cabeça quase explodiu por completo. Sangue voou para todos os lados. Sujou todo o meu quarto, a minha roupa, o meu rosto. Abaixei-me ao lado dele e esfreguei a arma em sua mão, para que ela pegasse um pouco da pólvora. Depois, pousei a pistola perto do corpo.”

Um triângulo perfeito estava formado na sala. Seus componentes pareciam regidos por algum ser fora de cena para enquadrá-los de maneira que ficassem em um dos vértices. Ou, talvez, alguém mesmo dentro de cena que se importasse com as formas clássicas e não permitisse que algo desse errado. Ninguém reparava no detalhe. Mas isso, pouco importava.

- Motivos, motivações, porquês, causas, consequências... Será que agimos sempre sob o manto das razões? É possível que tenhamos momentos completamente insanos – no sentido de se opor à sanidade média – e que não tenha explicações? Não, não é possível, para responder a minha própria questão. Eu acredito que, por mais absurda seja a razão, por mais irreal que ela pareça, por mais louca e grotesca, ela sempre existirá. Às vezes está completamente oculta, submersa, inconsciente. Outras vêm à tona fácil e rapidamente. E há também os planejamentos, os grandes estratagemas, os projetos de curto, médio e longo prazo. Posso considerar que a maioria das minhas atitudes pertence a esta última declaração. Sei que é complicado competir com o destino, mas estava pronto para encarar a missão.

“No início, na primeira vez que toda essa história me ocorreu, ela era simplesmente uma biografia. O livro nasceu de uma espécie de diário, onde anotava todos os meus passos, as minhas sensações, as angústias e receios por que passava. Tinha a intenção clara de me matar pelos motivos apresentados no livro. Não há mentira nisso. Achava que era apenas um traste no caminho de todos a minha volta e só resolveria esse problema caso desse um fim em mim mesmo. Escrever sobre isso era uma maneira de controlar o impulso e manter a lógica intacta. Propus-me, então, que tinha que ser da minha maneira, eu arquitetando cada detalhe. Via-me como uma espécie de diretor de cinema cujo filme é a própria vida real. Primeiro eu escrevia o roteiro, depois tinha que montar os cenários, o figurino e ter cuidado para que tudo parecesse verossímil.

“Cheguei a um ponto que não haveria volta. Deveria me matar exatamente igual ao texto para que ele se tornasse realidade. Contudo, e admito isso sem nenhuma vergonha, porque não vislumbro nenhum fim em ficar encabulado, queria ser o dono da história até o final. E só poderia fazer isso de fora.”

O silêncio entre os parágrafos pesava. Parecia que nunca mais se ouviria uma palavra. Somente a chuva lá fora que avançava madrugada adentro. Entretanto, o clima dentro daquele pequeno apartamento era quase de confiança. Não havia nervosismos, pareciam camaradas de eras passadas que se reencontravam e conversavam sobre o que fizeram nos últimos tempos. Todos estavam relaxados, recostados nos sofás, bebendo alguma coisa, deixando as palavras fluírem. Era assustador apenas quando os parágrafos acabavam. Voltava para o inesperado onde ninguém tinha controle completo da situação. Parecia que todos dependiam uns dos outros para que continuassem na mesma vibração. Xavier, só então, se dava conta de que a situação toda era por demais onírica.

- Em vez de me usar para o suicídio, por que não usar outro e escrever e descrever todos os passos? Colocar a ficção na realidade, sem papel, sem intermediários. Ser o escritor da vida alheia, à perfeição. Decidir o que faria, como viveria e, principalmente, quando morreria. Em resumo, queria ter um pouco do poder divino da vida e da morte. Todos os artistas carregam esse instinto nas suas produções. Eu queria levar isso ao extremo. Queria fazer da arte, a verdade. João foi meu primeiro experimento. De certa forma, posso falar sem nenhuma vaidade: deu certo.

“Peguei um mendigo e o transformei no protagonista de uma obra literária. Sabia todos os detalhes de sua vida, desde o cotidiano até o seu futuro. Como Deus, deixava-lhe com algum livre-arbítrio, mas ia cobrar-lhe com sua vida no meu juízo final. Ainda era mais benevolente que Deus porque a sua morte era combinada previamente e dava-lhe o direito de tirar a própria vida. Ele quis decidir o contrário. Mas, como Deus, tive que ser cruel e executar o seu destino.”

A chuva continuava incansavelmente. A penumbra dava um ar ainda mais misterioso para todas aquelas confissões desnecessárias, gratuitas.

- Depois, não precisei fazer mais nada. Já tinha alugado este apartamento aqui, bastava esperar as reações da imprensa para saber se o meu livro seria encontrado. Aconteceu o que aconteceu. Virei um sucesso, contudo mais pelo lado do escândalo que pelas qualidades literárias. Até mesmo os cadernos culturais caíram um pouco nessa história.

“O mais interessante era associar a minha vida ao livro. Encará-lo como uma história autobiográfica o tornou extremamente atraente. Espanto-me com o poder que o realismo tem até hoje. E com a fantasia de que o povo em geral nutre na existência da realidade crua ou simplesmente da verdade. É de uma inocência ímpar. Nunca cogitam a hipótese de haver sempre alguém por trás de cada história e esse escritor escolher a verdade que ele quer contar. Durante um tempo, logo depois do incidente com João, brincava com o fato de meu livro estar na lista dos mais vendidos em não-ficção. Outra belíssima jogada de minha mãe. Como seria quando descobrissem a verdade? Mudariam-me de lista? Sutilmente, foi o que aconteceu, aliás.

“Outro detalhe curioso é que houve resenhas assim que descobriram a farsa tirando o valor literário da obra. Ou seja, o livro só seria bom se ele fosse “verdadeiro”? Que louco. Como

fui pensar que eu é que seria encarado como insano? Por sorte, alguns críticos sensatos admitiram que foram engabelados, e conseguiram analisar friamente o livro sobre os dois pontos-de-vista. E, felizmente, para a minha mãe, as vendas ainda não desceram de um patamar bem elevado. Pago-lhe, assim, todos os custos da minha vida.”

Otávio, com o seu jeito calmo e seguro, oferece mais bebida. O escritor se vira para Clara e, carinhosamente, pergunta se ela pode cumprir com essa tarefa, só desta vez. Ela assente. Os dois homens ficam se encarando, Otávio com um sorriso de satisfação, Xavier um tanto quanto apreensivo por ter-se recordado novamente da sua real situação ali dentro. Otávio percebe que o seu interlocutor está nervoso e, ao invés de tentar relaxá-lo, apenas sugere que ainda não tinha contado nada.

- Foi mais ou menos por isso que eu decidi escrever o meu segundo livro grande. Não o chamo de romance porque creio que essa nomenclatura não faz muito sentido. Queria deixar clara a minha estética, meu *modus operandi*, minha temática. Pode parecer pretensioso, mas não é. Teria que fazer algo ainda mais ousado que se tornasse definitivo. Dessa vez, escolhi controlar a vida de um sujeito sem que ele soubesse. Seria mais complicado, mas nem por isso menos possível. Colocaria iscas para que ele pudesse se alimentar aos poucos, pensando que estava no caminho certo, quando, no máximo, estava caminhando na minha direção. Transformei-o na minha marionete, no meu títere. E o mais incrível: sem fios que denotassem a minha presença. E, claro, esse boneco que obedece as minhas vontades é você, Xavier.

A confusão mental piora. O corpo está cansado, os olhos ardendo. Xavier acha tudo um imenso absurdo. Repete mentalmente que é tudo mentira, mentira, mentira. Ele não poderia ter sido conduzido assim, tão facilmente. Não era idiota, não era um imbecil, sabia escolher o seu caminho, era óbvio. Fica nervoso, inquieto, o corpo esquenta, chega a bufar. Sente-se preso numa teia de aranha que quanto mais se mexe, mais se cola. As saídas para o problema se escurecem como se estivesse num quarto claro demais para ele poder enxergar a porta. Ele sente vontade de agarrar o pescoço do escritor. Sente vontade de se levantar e pegá-lo e lhe apertar até que ele pare de falar essas besteiras. Mas algo o prende ao sofá. Não tem forças para tomar nenhuma atitude, está com muito medo, acuado, preso. Lembra-se da arma. Agarra o cabo e o aperta com força. Retira-a vagarosamente do cinto, puxa o cão e deixa-a discreta.

- Xavier, eu sei o que você está pensando. Não é exatamente isso. Você não é um primor de inteligência, mas está longe de ser um idiota completo. Para demonstrar como eu tenho apreço pelos meus personagens, eu posso te garantir que até respeitei o seu gosto por escrever. Respeitei até demais, talvez devesse ter cortado algo para parecer mais factível com o personagem. Agora não importa. A verdade é que, se houvesse uma escala de inteligência, você estaria na categoria “limitado”. Desculpe-me a franqueza, mas o momento pede isso. E não adianta falar nada. Eu que escolho as palavras a figurar nesta história. Elas já estão escritas, como o meu e o seu destino também já estão.

Ele escuta cada palavra e se enche de raiva. Cada vez mais.

- Admita, você é um pouco previsível. Desculpe-me rir, mas é inevitável. Sair do apartamento foi a parte mais fácil: sabia que aquele dia era a folga do porteiro da noite e o faxineiro sempre dorme quando faz esse turno. Tinha a chave da porta do condomínio, como todo mundo. Saí sem fazer barulho. As câmeras não têm teipe, a minha presença àquela hora não seria notada. Só se, por muito azar, alguém estivesse vendo o canal do prédio no momento exato que eu saísse. Conto com a sorte também, quem não?

“Por último, mas não por isso menos importante: você teve a audácia de pensar que Ana estava flertando com você? Desculpe-me, novamente, estar rindo, mas isso é tão inimaginável. Ela é uma atriz, você tinha conhecimento disso. E, saber que tudo foi planejado e você acreditou sem nenhum juízo... Que tolo...”

A cada palavra, Xavier se mexe na cadeira, como se tivesse recebido mais um golpe. Sentia-se como um pugilista no final da luta, sem muitas forças para revidar, apenas apanhando e esperando o corpo cair. A raiva cresce dentro de si. Sente o rosto enrubescer, as mãos gelarem, o corpo suar nervoso.

- Entenda, eu poderia guiar qualquer um. Você, Xavier, tem que se sentir um privilegiado. Bem, poderia controlar quase qualquer um. Admito que você me ajudou bastante ao ser um completo fiasco como investigador. E, também, por ser corrupto. Dois pontos para você. Assim, era só eu montar as pistas para que você caísse por completo nelas. Como o dia que você viu Ana na rua. Nós sabíamos onde você morava e acompanhávamos o seu cotidiano sem que você percebesse. Decidimos dar um pouco de esperança, para que você não desistisse. Tínhamos que cumprir com a nossa parte. Depois, ficamos acompanhando seus passos. Parabéns, você realmente é durão. Passou um tempo absurdo naquele carro, sem sair para nada. Ficou um traste, mas conseguiu o que se propôs, me encontrar.

“Por que não levantar agora e estourar os miolos dele?”, pensa Xavier. “Por que não acabar com isso tudo e sair daqui? Por que não provar para ele que eu sou o dono da minha vida? Onde é que essa história vai acabar?”

- Eu montava uma arapuca, e você ia atrás. Eu sabia muito bem como é que você ia agir. Tenho o distanciamento necessário para decodificá-lo. Hoje, conheço-o mais que qualquer um, mais até que você. E, você se saiu muito bem no papel principal. Um personagem

diferente que foge de muitos clichês: um investigador incompetente; um cara que decidiu ser policial. Pois bem, não muitos. De qualquer maneira, cumpriu à risca a sua parte. E eu, bem, deixando um pouco a humildade de lado, também acho que fiz razoavelmente a minha. Tome, vou arremessá-lo. Esse é o seu livro. A nossa obra. Você vai achá-lo bem familiar.

“AUTOASSASSINATO” – o título. Um calhamaço de papel encadernado. Exatamente igual ao livro que ele tinha encontrado no apartamento de Otávio que pegou fogo. Igual ao livro que ele tinha lido. Começa a folhear, aleatoriamente. Lê uma frase qualquer: “Xavier está com a cabeça longe. Está impressionado com aquela menina transparente de queixo baixo...” “Xavier” é o nome do policial. “Ele nem mudou...”, pensa. No livro, o detetive “Carlos Xavier” deve investigar o possível suicídio de um sujeito que almeja ser escritor, cujo nome é “Otávio”. “Caralho”, pensa. Dá outra folheada rápida. “Já em casa, Xavier pega o livro de Otávio, junto com uma garrafa, e começa a ler. É a história de vida de Otávio Oliveira de Carvalho, além de suas elucubrações, viagens, anotações esparsas, pequenos poemas em verso livre.” “Caralho”, pensa de novo.

Há a mãe que defende a tese do suicídio, a namorada que se aproxima, o livro, as incertezas, a descoberta da farsa, Xavier afastado do caso, que fica perdido, encontra o escritor por acaso, vai à casa dele... O livro era a cópia dos acontecimentos que tinha vivido nos últimos meses. Xavier fica ainda mais atordoado, a cabeça dói ininterruptamente, o raciocínio está obscuro, sente falta de ar, o lugar está abafado, a visão escurece, a arma quase cai no chão.

# 1

- Um detalhe que eu devo contar para que tudo fique ainda mais claro e demonstre a minha maneira de trabalhar: eu escrevia tudo isso antes de acontecer. Ou seja, eu controlei o seu destino desde o início para que você seguisse a minha trilha. Como comprovação, está aí o meu discurso, este que eu acabei de pronunciar – até mesmo as digressões, tudo planejado – e o final, que ainda está por vir e que eu sei como vai ser.

Xavier se levanta e aponta a arma para Otávio. A raiva quer sair por todos os poros de Xavier. Quer fazer Otávio parar de falar. Quer acabar com tudo, quer ir embora. Seu braço treme, os olhos estão nublados, a pele suada. Está com febre. O escritor fica impassível, não demonstra nenhuma emoção. Clara não se mexe, está no sofá também parada, completamente fria e distante de tudo. Bebe sua bebida, como se fosse apenas uma espectadora de uma peça particular. Ele não repara na menina, só consegue ver o homem que controlou a sua vida nos últimos meses, que a transformou numa confusão para nunca mais ser a mesma. Otávio era o culpado, queria acabar com ele, queria vingança, queria sua liberdade de volta.

- O incrível, para mim, é que até nos pormenores você me obedece. Realmente decifrei toda a sua psicologia. Ha-ha. Sei exatamente cada movimento que você vai dar. Por exemplo, sabia que você iria se levantar e apontar a arma para mim. E ao final, sei que você vai me matar. Só assim, inclusive, comprovo a minha ideia de que a arte é superior à vida comum.

“E agora? Mato ou não mato?”, se pergunta Xavier, “sigo a minha vontade ou a dele? A dele é a minha? Temos a mesma vontade? Quem controla? Como acabar com isso? Como fugir, escapar dessa encruzilhada? Se apertar o gatilho tudo termina, ele vence e eu também. Aperto ou não aperto?”

Os dois começam a gritar:

- Se você apertar o gatilho, tudo termina, você vence e eu também. Se vinga por completo de mim: Vamos, atire! Atire!

- Não!

- Pare de relutar!

- Não! Eu não pertenço a você!

- Atire!

- Eu não obedeço a você!

- Atire!

- Eu decido!

---

**0**

Xavier atira contra Otávio. Olha o livro. E atira contra a própria cabeça, no meio da testa. ■